



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE QUÍMICA

HANNA PINHEIRO MASCARENHAS

**DOCUMENTÁRIO E ENSINO: ONDE ESTÃO AS MULHERES
TRABALHADORAS E PESQUISADORAS EM QUÍMICA?**

Rio de Janeiro

2023

HANNA PINHEIRO MASCARENHAS

**DOCUMENTÁRIO E ENSINO: ONDE ESTÃO AS MULHERES
TRABALHADORAS E PESQUISADORAS EM QUÍMICA?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de Química.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Maciel Moreira

Co-orientadora: Profa. Dra. Mara A. Alves da Silva

Rio de Janeiro

2023

HANNA PINHEIRO MASCARENHAS

**DOCUMENTÁRIO E ENSINO: ONDE ESTÃO AS MULHERES
TRABALHADORAS E PESQUISADORAS EM QUÍMICA?**

BANCA EXAMINADORA

Orientador - Prof. Dr. Leonardo Maciel Moreira

Titular Interno da Banca

Titular Externo da Banca

DISSERTAÇÃO APROVADA EM ____/____/____

AGRADECIMENTOS

A Jeová Deus por ter me dado saúde, sabedoria e força para superar todas as dificuldades.

Ao meu amor e companheiro Uriel Santana por ter acreditado nesse sonho desde o período de inscrição e por vivenciar meus piores momentos de crise de ansiedade e não largar minha mão. Além de ser o editor do documentário que se apresenta como material lindo, rico e potente.

Aos meus avós José Humberto, Maria Helena, Jorge e Ana pelas orações ao meu favor e preocupações diárias. E meus tios José Humberto Filho, Ediana, Elcy, Cristina e Marta. Minha base familiar mais forte e que sempre eu posso recorrer.

A equipe da Tabuleiro Produções, Carine, Márcio e Gabriel Moreno pelas contribuições nas gravações do documentário. Um agradecimento especial a Carine por ter sido uma amiga-irmã e ser uma das primeiras pessoas a acreditar comigo nesse mestrado, desde a inscrição ao roteiro do documentário.

A Creuza, Idália e Mara. O potencial da minha pesquisa surgiu a partir das narrativas de vida dessas mulheres maravilhosas.

Aos meus verdadeiros amigos que me acompanharam e torceram pela minha vitória. Em especial aos novos amigos, colegas de turma e do Projeto *Ciênica*: Wallace, Veruska, Amanda, Raquel, Fernanda, Camila, Aline e Liliam.

Aos meus orientadores Leonardo e Mara, pela paciência, atenção, incentivo e orientações para a conclusão desse trabalho. Tenho os melhores!

Ao corpo docente do PEQui por todos os ensinamentos e base acadêmica para conclusão dessa pós-graduação.

Por fim a todos que fizeram parte direta ou indiretamente dessa trajetória, o meu muito obrigado!

*“A ciência, ao que parece, não é assexuada; ela é um homem, um pai, e infectada,
também”*

Virginia Woolf

RESUMO

Este trabalho consistiu na elaboração e análise de um documentário de três episódios que apresenta narrativas de mulheres trabalhadoras/pesquisadoras em Química. Assim, esta pesquisa teve como objetivo geral, compreender os atravessamentos decorrentes de gênero e raça vivenciados por essas mulheres, que se dividiu nos seguintes objetivos específicos: 1. Explicitar vivências que dão sentido a carreira das participantes; 2. Caracterizar os discursos de gênero e raça a partir das falas das pesquisadoras; 3. Estabelecer pontos de encontro entre as trajetórias de vida relatadas e suas relações com representatividade. As discussões aqui apresentadas buscam avançar e apresentar aspectos teóricos da atualidade relacionados às questões de Gênero, Gênero e Raça e Representatividade. A pesquisa é de cunho qualitativo, e os dados obtidos foram analisados por meio da Análise Textual Discursiva (ATD). Foram identificadas três categorias que coincidem com o referencial teórico adotado na pesquisa e após a análise dos dados percebemos que as narrativas apresentadas retratam as experiências escolhidas de cada participante para darem sentido à vida pessoal e profissional. Neste contexto percebemos em seus depoimentos as relações de poder e discriminações que muitas pessoas enfrentam por serem mulheres ou por serem negras. Desse modo, acreditamos que as entrevistas contidas nos episódios do documentário podem causar efeitos afetivos e sensibilizem não só mulheres, mas todos aqueles que reconhecem e combatem a estrutura machista, misógina, patriarcal e racista da nossa sociedade. Os frutos dessa pesquisa serão contínuos em prol dos avanços e conquistas femininas nessa área do conhecimento, uma vez que tenta promover reflexões para se obter uma participação mais igualitária das mulheres na Ciência/Química. Além disso, acreditamos na possibilidade da utilização do nosso produto, o documentário, como ferramenta educacional para que se possam gerar interesses pelos estudos dos recursos audiovisuais no Ensino de Química e tocar os estudantes (meninos e meninas) sobre as possibilidades diversas de trabalho, carreira, profissão, enfim, os diversos caminhos que podem ser trilhados com a Química.

Palavras-chave: Química. Gênero. Documentários.

ABSTRACT

This work consists of the elaboration and analysis of a three-episode documentary that presents narratives of women workers/researchers in Chemistry. Thus, this research had the general objective of understanding the crossings resulting from gender and race experienced by these women, which are divided into the following specific objectives: 1. Explain experiences that give meaning to the participants' careers; 2. Characterize gender and race discourses based on the researchers' speeches; 3. Establish meeting points between related life trajectories and their relationships with representativeness. By discussing research here, it seeks to advance and present current theoretical aspects related to issues of Gender, Gender and Race and Representativeness. The research is qualitative, and the data obtained were analyzed using Discursive Textual Analysis (ATD). Three categories were identified that coincide with the theoretical framework adopted in the research and after analyzing the data we realized that the narratives portray the experiences chosen by each participant to give meaning to personal and professional life. In this context, we perceive in their testimonies the power relations and discrimination that many people face because they are women or because they are black. In this way, we think that the interviews contained in the documentary episodes can cause affective effects and sensitize not only women, but all those who recognize and combat the sexist, misogynistic, patriarchal and racist structure of our society. The fruits of this research will be continuous in favor of women's advances and achievements in this area of knowledge, as it tries to promote reflections to obtain a more equal participation of women in Science/Chemistry. In addition, we thought about the possibility of using our product, the documentary, as an educational tool so that it can generate interest in the study of audiovisual resources in Chemistry Teaching and touch students (boys and girls) about the different possibilities of work, career, profession, in short, the different paths that can be followed with Chemistry.

keywords: Chemistry. Gender. Documentaries.

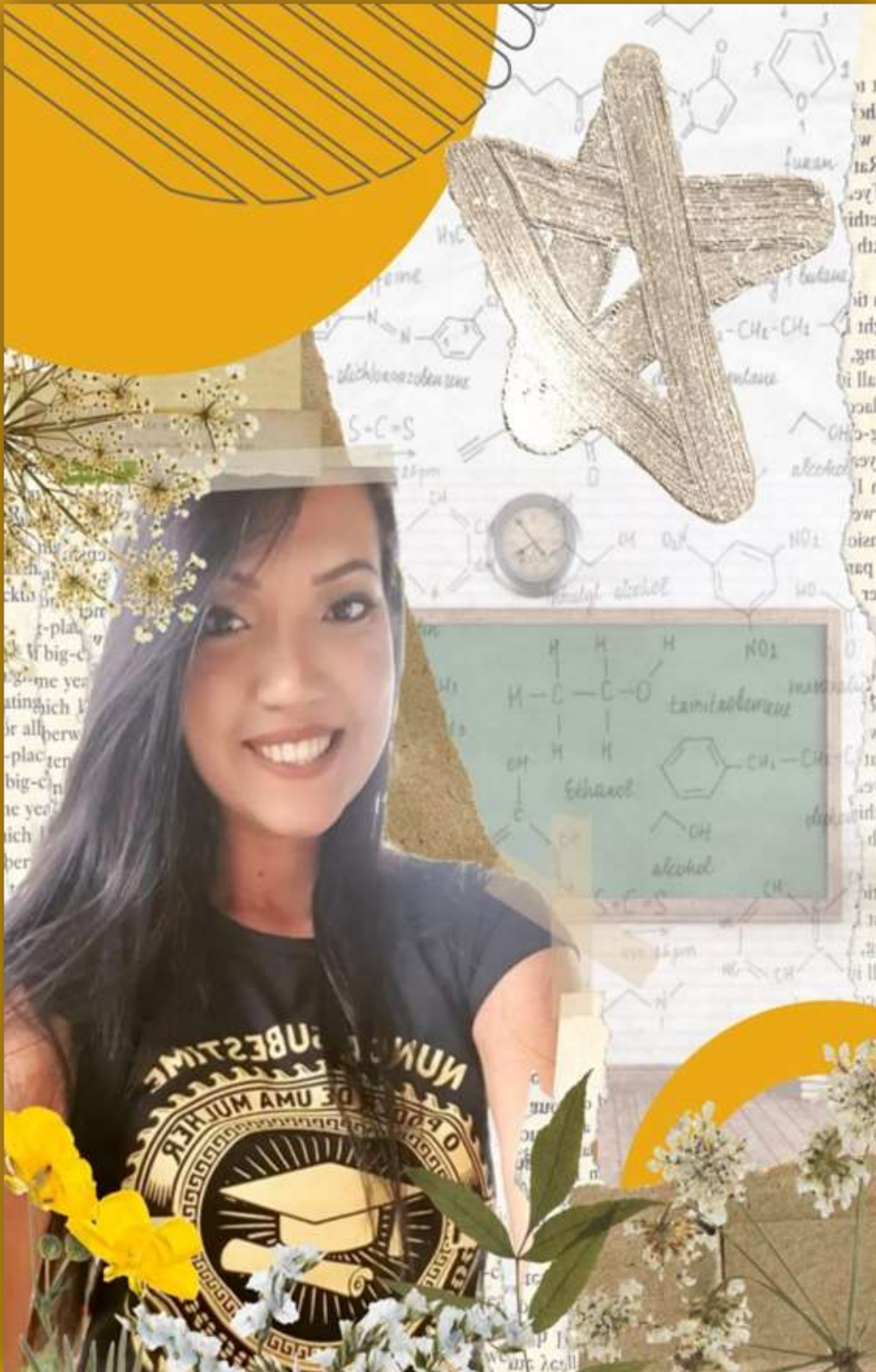
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
AD	Análise do Discurso
ATD	Análise Textual Discursiva
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IFBaiano	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
ONU	Organização das Nações Unidas
PEQui	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química
SEC/BA	Secretaria de Educação do Estado da Bahia
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial ,
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

Pré-produção e organização do roteiro.....	10
Organização do Set de filmagem.....	17
Gênero e Ciência	18
Gênero e Raça	24
Representatividade	31
Revisando o roteiro e conferindo os equipamentos do set	35
Definições da Pesquisa	36
Questões Éticas da Pesquisa com Seres Humanos	37
Instrumentos Utilizados na Obtenção de Dados	38
Análise dos Dados	38
Descrição do Produto	39
Enquadramento do plano e ação.....	44
A gente já começava com medo das críticas	45
Minha alma não tem cor, ela é colorida, multicolor	59
Essa parte de ser mulher é muito difícil mesmo, a gente sofre bastante	66
Pós-produção.....	69
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	79
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	80
ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS.....	82

Pré-produção e organização do roteiro



"Passos
iniciais para
ajustar as luzes
introdutórias
desta pesquisa
com o meu
lugar de fala"

No cinema, a luz é ideologia, sentimento, cor, tom, profundidade, atmosfera, história. Ela faz milagres, acrescenta, apaga, reduz, enriquece, anuvia, sublinha, alude, torna acreditável e aceitável o fantástico, o sonho, e ao contrário, pode sugerir transparências, vibrações, provocar uma miragem na realidade mais cinzenta, cotidiana. Com um refletor e dois celofanes, um rosto opaco, inexpressivo, torna-se inteligente, misterioso, fascinante. A cenografia mais elementar e grosseira pode, com a luz, revelar perspectivas inesperadas e fazer viver a história num clima hesitante, inquietante; ou então, deslocando-se um refletor de cinco mil e acendendo outro em contraluz, toda a sensação de angústia desaparece e tudo se torna sereno e aconchegante. Com a luz se escreve o filme, se exprime o estilo.

Trecho do livro *"Fazer um Filme"* de autoria de Federico Fellini (2000, p. 182).

A partir da citação de Fellini percebemos a grandiosidade da *luz* nas produções cinematográficas. Independente do gênero ou do estilo, a *luz* permite aos telespectadores a compreensão de imagens e cenas que compõem uma obra. Sendo essa dissertação a obra expressa desse mestrado, começo aqui com a *luz* que ilumina a escrita dessa produção científica, a história da minha vida, o meu *lugar de fala*. Esse ponto de partida será essencial para que os leitores entendam às motivações que me levaram a escrever sobre gênero e elaborar um documentário como produto final dessa pós-graduação.

Eu, Hanna, mulher, nordestina, professora, pesquisadora e cheia de fé. Creio que o primeiro desafio desta pesquisa é ter coragem para me autoafirmar com tais características, enquanto vivo em uma sociedade patriarcal, machista, xenofóbica e com intolerância religiosa. Em uma trajetória em que precocemente venho a perder meus pais, tive que lidar com os meus primeiros desafios aos seis anos de idade, uma incógnita para minha família: o que vai ser dessa menina? Ouvi essa pergunta da minha maior referência masculina, meu avô, e a partir daquele momento algo me alertava para os próximos obstáculos. Fui criada pelo meu tio e sua esposa, ambos prezavam por uma disciplina e uma boa educação, estudei em ótimas escolas e passei a gostar de estudar quando tirei um ZERO em uma prova de matemática. Aquele zero me envergonhou profundamente, não poderia dar um desgosto a minha família e a quem estava apostando nos meus estudos, fui influenciada a estudar e passei a ter uma nova referência masculina, professor Carlos, químico, que ensinava matemática e foi responsável pela mudança de postura e comprometimento de uma estudante dos anos finais do Ensino Fundamental.

No meu último ano de Ensino Médio, muitas expectativas para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, mas por deslize, esqueci-me de pagar a inscrição e o ano em que eu deveria ingressar na Universidade, caso tivesse um bom desempenho, foi prolongado para alguns meses. Nesse período, surgiu à possibilidade de fazer uma formação técnica do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), um curso de Operador de Sonda Plataformista. Ao passar pelas aulas práticas, percebi que exigia de uma força braçal que não possuía, mas como uma boa brasileira desistir não era uma opção e apesar das dificuldades me mantive firme no curso. Hoje percebo que a minha presença e das outras meninas “quebrava o tabu” sobre a participação das mulheres em ambientes hegemonicamente masculinos. O curso técnico também me despertou o interesse pela química e na primeira oportunidade consegui a aprovação no curso de Licenciatura em Química pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Meu sonho estava se concretizando, e algo me dizia que meu avô teria resposta para a sua pergunta: o que vai ser dessa menina?

Fui motivada e impulsionada para vencer essa etapa, em uma nova cidade, sozinha e com muita fé. Porém, em meu primeiro dia de aula me deparei com um professor da instituição que chegou à minha sala e falou a seguinte frase: “Químicos vocês nunca serão”, alguns veteranos riram no momento, mas fiquei reflexiva diante aquela frase solta. A partir daquele momento a força que iria me impulsionar a concluir aquela graduação seria ir de encontro a aquele comentário tendencioso. Vivi intensamente a Universidade. Fiz pesquisa, ensino, extensão, passei por momentos alegres, tristes, mas me encontrei dentro da profissão que é tão desvalorizada no nosso país, aprendi de forma humanizada por parte de alguns professores como a relação professora-estudante poderia ser mais leve, com mais cuidado e atenção.

Formei em quatro anos, juntamente com mais duas amigas, e na solenidade representei sozinha aquela turma de 2013, um momento único que para mim respondia ao meu avô e ao meu professor que lançaram ao universo, questões que poderiam prejudicar o meu desenvolvimento enquanto pessoa e estudante. Além disso, respondia a toda uma sociedade que por anos excluiu as mulheres das Universidades, a ingressar em suas carreiras profissionais e que nos limitou apenas a atividades domésticas e para procriação. Cabe destacar que no curso de Química tínhamos na época apenas três professoras. Elas representavam, lutavam pela igualdade de gênero dentro do curso. Exemplo de profissionais destemidas, que não

se calavam diante às inúmeras reuniões com os homens-professores. Elas, mesmo sem saber, despertavam minha admiração pelo trabalho desempenhado, minhas inspirações: Creuza, Fabiana e Mara.

Em 2019 ingressei em uma pós-graduação *Lato Sensu* em Ensino de Ciências Naturais e Matemática, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano). Nesse período me aprimorei nos estudos das metodologias ativas em busca de uma qualificação que melhorasse meu desempenho em sala de aula com a finalidade de desmistificar a ideia da química como uma disciplina árida e difícil. Como não tive referências femininas no colegial, entendi que o lugar em que ocupo como professora de química da rede estadual baiana de ensino poderia motivar meninas estudantes a ocuparem lugares que nos convenceram não serem nossos espaços.

Em 2021, por conta da pandemia, surgiu a oportunidade de participar da seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Química (PEQui), modalidade profissional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nunca tive pretensão de sair do meu estado para estudar, mas a oportunidade surgiu e não pensei duas vezes em agarrá-la. O meu avô teria a primeira neta mestra da família, em uma das maiores universidades do Brasil. No dia 26 de maio de 2021 eu recebi a ligação que acabou mudando os trilhos da minha vida, a aprovação veio e por um instante passou um filme na minha cabeça. Não poderia desperdiçar a chance de fazer diferente, de mostrar que mesmo com os obstáculos eu poderia ir mais longe, pensar nas oportunidades que meus pais não tiveram, dos comentários desacreditados da minha família e das vezes que achei que não seria capaz. Aconteceu e encarei mais uma responsabilidade.

Entrei no curso com uma proposta de projeto, mas ao conhecer meu orientador mudei os planos e me desafiei na possibilidade de tentar novos cenários. Criar um documentário para retratar a vida de trabalhadoras/pesquisadoras em química, meu lugar de fala, e levantar discussões sobre as questões de gênero no meio acadêmico. Com a pesquisa fiquei a me perguntar: se eu fosse homem o meu avô se questionaria sobre como seria a minha vida? As pessoas teriam mais cuidado ao achar que poderia engravidar na adolescência e desacreditar no meu potencial? As pessoas poderiam ficar menos surpresas quando me apresento como química? Poderia eu, ir de encontro com o sistema patriarcal que sempre me subjugou?

Frente a tais questões, podemos dizer que “a ciência foi aculturada de modo a negar às mulheres” (SANTANA, 2021, p.22). De tal forma que as relações pessoais e científicas foram demarcadas por pensamentos e ações hegemonicamente masculinizadas e que se perpetua em nossos dias de modo a refletir a estrutura da nossa sociedade patriarcal.

Desse modo, as discussões que enredam a nossa pesquisa busca avançar e apresentar aspectos teóricos da atualidade relacionados às questões de gênero, gênero e raça e representatividade. Tais questões, pertinentes para compreendermos as opressões que transpassam a organização da ciência e para uma melhor democratização da mesma.

Acreditamos na relevância deste trabalho, uma vez, que o levantamento de dados obtidos das entrevistas do documentário reflete a realidade de diversas mulheres que exercem a profissão. Portanto, os frutos desta pesquisa serão contínuos em prol dos avanços e conquistas femininas nessa área do conhecimento, uma vez que tenta promover reflexões para se obter uma participação mais igualitária das mulheres na Ciência/química. Além disso, a utilização do nosso produto, o documentário, como ferramenta educacional pode gerar um enorme interesse pelos estudos dos recursos audiovisuais no Ensino de Química e tocar os estudantes (meninos e meninas) sobre as possibilidades diversas de trabalho, carreira, profissão, enfim, os diversos caminhos que podem ser trilhados com a Química, pois como bem provocado por Chimamanda Ngozi Adichie: “E se criássemos nossas crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero? E se focássemos em seus interesses, sem considerar gêneros?” (ADICHIE, 2014, p. 38).

Por tudo que foi apresentado, surge a pergunta investigativa que amparou o desenvolvimento dessa pesquisa: Como as narrativas de mulheres trabalhadoras/pesquisadoras em Química podem produzir efeitos afetivos e de representatividade? Na tentativa de respondermos a essa questão, elaboramos o seguinte Objetivo Geral: Compreender os atravessamentos decorrentes de gênero e raça vivenciados por mulheres trabalhadoras/pesquisadoras em Química.

Para alcançar o objetivo proposto para esta investigação traçamos os seguintes objetivos específicos:

1. Explicitar vivências que dão sentido a carreira das participantes;
2. Caracterizar os discursos de gênero e raça a partir das falas das pesquisadoras;

3. Estabelecer pontos de encontro entre as trajetórias de vida relatadas e suas relações com representatividade.

Este trabalho foi dividido em três tópicos. No primeiro, abordamos os referenciais teóricos que embasaram as discussões desenvolvidas nesta investigação. Os aportes que sustentaram teoricamente as discussões desta pesquisa foram: **Gênero e Ciência**; **Gênero e Raça** e **Representatividade**.

Inicialmente, ao dialogarmos sobre **Gênero e Ciência** somos direcionados a entender a segregação social que historicamente as mulheres foram conduzidas ao desenvolver suas habilidades em áreas do conhecimento que se caracterizaram e ainda se caracterizam como um ambiente hegemonicamente masculino. Assim, por meio de algumas reflexões (SCOTT, 1995; LOPES, 1998; SCHIENBINGER, 2001; MAFFIA, 2002; SANDENBERG, 2007; LIMA, 2013; SANTANA, 2019; PEREIRA, 2021) mostraremos a participação das mulheres ao longo da história com as lutas para a equidade de gênero e reconhecimento científico e como consolidou a entrada de algumas brasileiras na academia. Além disso, apresentaremos os mecanismos de segregação apontados na pesquisa de Olívia Olinto (2011) e o *Efeito Camille Claudel*, do estudo de Betina Lima (2011), que evidenciaram como os preconceitos relacionados ao gênero acontecem. E dialogaremos com pesquisas sobre as alternativas para a emancipação e justiça social de gênero dentro da Ciência (HARAWAY, 1995; SANDENBERG, 2007; SATTLER, 2019; DECOL, 2022).

O segundo foco teórico, **Gênero e Raça**, retratam como as condições do sistema racista e sexista acabam anulando e excluindo as mulheres negras dos espaços e da história. Iremos definir o termo *Interseccionalidade* (AKOTIRENE, 2019; COLINS; BILGE, 2021) para compreendermos os desdobramentos relacionados ao surgimento do feminismo negro e suas pautas defendidas, além de termos um olhar sobre as condições de inferioridade trabalhistas atribuídas a elas. Também descreveremos o conceito de *lugar de fala* a partir da obra da Djamila Ribeiro (2017) que se interliga com as vozes que traremos no documentário.

E o terceiro referencial teórico, **Representatividade**, que busca em um primeiro instante conduzir os leitores a refletirem sobre as configurações de poder que se estabeleceu em nossa sociedade por meio do patriarcado (WOOLF, 1985; FRANÇA, 2004; SOUZA, 2021). E, por fim interpretar o real significado da palavra Representatividade de maneira a entender como ela se configura para os povos subalternizados, com um foco especial para as mulheres, que são as protagonistas

centrais dessa produção. Além disso, é válido ressaltar que o protagonismo das mulheres surge neste trabalho desde a construção do set de filmagem que foi produzido por um olhar feminino, pois, nos deparamos com tantos filmes sobre mulheres, porém construídos por homens que mesmo apresentando sensibilidade, não vivem na pele o que nós mulheres enfrentamos.

Na segunda parte do trabalho discutimos sobre o percurso metodológico que desenvolvemos na realização desta investigação, a pesquisa é de cunho qualitativo, e os dados obtidos foram analisados por meio da Análise Textual Discursiva - ATD. E último tópico, fizemos a análise e discussão dos dados a partir das entrevistas obtidas para os episódios do documentário. A última parte deste trabalho é dedicada às considerações finais a fim de refletir e pontuar as ideias principais desta investigação. Encerramos o texto dissertativo com as referências utilizadas, os apêndices e os anexos usados durante o desenvolvimento da pesquisa.

Organização do Set de filmagem



"Mobilizando os referenciais teóricos que ajustam as lentes das câmeras para lapidar o roteiro desta investigação"

[...] o movimento da câmera reforça a impressão de que há um mundo do lado de lá, que existe independentemente da câmera em continuidade ao espaço da imagem percebida. Tal impressão permitiu a muitos estabelecer com maior intensidade a antiga associação proposta em relação à pintura: o retângulo da imagem é visto como uma espécie de janela que se abre para o universo que existe em si e por si, embora separado do nosso mundo pela superfície da tela [...]

Trecho do livro *“O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência”* de autoria de Ismail Xavier (2008, p. 22).

As realidades capturadas do mundo fazem da câmera a principal responsável pelos registros das imagens que sustentam as narrativas visuais do cinema. De maneira similar, os referenciais teóricos enriquecem as discussões e apoiam a análise de dados de toda e qualquer investigação. Assim, este capítulo destina-se a apresentar essas teorias que fundamentaram a investigação e análise de dados desta pesquisa.

Devido à abrangência do tema escolhido para este trabalho, optamos por um recorte, e adotamos algumas câmeras que serviram como ângulos a serem discutidos/observados a partir da escolha das autoras e autores que exploram cada temática. Assim, os ângulos das câmeras do nosso referencial foram: Gênero e Ciência; Gênero e Raça e Representatividade.

Em virtude da complexidade e abrangência das discussões dos tópicos apresentados nesse referencial teórico temos a certeza de que não iremos esgotar tais assuntos dentro dos textos dessa dissertação. Os recortes aqui feitos fundamentaram a nossa análise de dados e pautaram nossas reflexões que se inicia pelo tópico, Gênero e Ciência.

Gênero e Ciência

Para começarmos esse tópico, se faz necessário um entendimento sobre: O que é gênero? Joan Scott (1995, p. 86) conceitua gênero como um “[...] elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, para a autora, gênero é a primeira forma de significar as relações de poder. Londa Schienbinger (2001) enfatizou em seu livro que o gênero, na sociedade norte americana, teve maior influência sobre a Ciência se comparado com outras divisões políticas e sociais. A autora deixou evidente que: “[...] as mulheres como um grupo

foram excluídas sem nenhuma outra razão que não seu sexo” (ibid., p. 37) a partir dos moldes e estrutura do patriarcalismo¹.

No Brasil não foi diferente. As primeiras escolas de Ensino Superior eram voltadas para formação exclusivamente branca e masculina. As mulheres foram “descartadas” do sistema escolar e eram apenas instruídas para a educação domiciliar e vida religiosa (LINO; MAYORGA, 2016). Somente com o Decreto 7.247, de 19 de abril 1879, com a “Reforma Leôncio de Carvalho”, a admissão das mulheres nos quadros de discentes e docentes na academia começou a acontecer (LOPES, 1998).

As situações apresentadas marcam as desigualdades e opressões de gênero que socialmente foram construídas e reproduzidas nas configurações que moldam as teorias e práticas da Ciência. Como bem mencionado por Jocieli Decol (2022), a autoridade cognitiva das mulheres foi negada e as colocaram em uma situação de “irracionais” ou “menos científicas”.

Dentro desse contexto, vale ressaltar que a participação das mulheres nas Ciências começou nos anos iniciais da Revolução Científica, por meio da curiosidade e observação da natureza, em conjunto com seus maridos, irmãos ou até mesmo filhos cientistas. Antes da formalização rigorosa da Ciência no século XIX as mulheres tinham acesso a telescópios, microscópios e aos trabalhos científicos da época (SCHIEBINGER, 2001). No entanto, com a profissionalização, institucionalização e a separação entre o público e privado, a participação das mulheres no meio científico e acadêmico acabou se tornando mais restrita (SILVA, 2012).

A partir de 1970, a chamada “Segunda Onda”² feminista influenciou o movimento sobre as mulheres na Ciência com o intuito de buscar razões para subordinação de gênero na sociedade. Contudo, elas continuaram se deparando com o “viés androcêntrico”³ das teorias filosóficas e do âmbito social (SANDENBERG, 2007; SANTANA, 2019). Assim, mesmo com alguns avanços “a

¹ “O termo patriarcalismo foi comumente utilizado para explicar a condição feminina na sociedade e as bases da dominação masculina [...]” (MORGANTE, NADER, 2014, p.1)

² “[...] caracterizou-se, no Brasil e nos demais países latino-americanos, então, como uma resistência contra a ditadura militar e, por outro lado, em uma luta contra a hegemonia masculina, a violência sexual e pelo direito ao exercício do prazer [...]”. (MATOS, 2010, p.68)

³ “O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo [...]”. (MORENO, 1999, p. 23).

Ciência Moderna objetificou a nós, mulheres, negou-nos a capacidade e autoridade do saber, e vem produzindo conhecimentos que não atendem de todo aos nossos interesses emancipatórios” (SANDENBERG, 2007, p.1). Ou seja, a Ciência não conseguiu atender aos interesses, nos âmbitos sociais, políticos e cognitivos, que seriam fundamentais para a presença e continuidade das mulheres nesse ramo do conhecimento. Em 1995, Donna Haraway já expressava o mesmo pensamento ao dizer:

As feministas têm interesse num projeto de ciência sucessora que ofereça uma explicação mais adequada, mais rica, melhor do mundo, de modo a viver bem nele, e na relação crítica, reflexiva em relação às nossas próprias e às práticas de dominação de outros e nas partes desiguais de privilégio e opressão que todas as posições contêm [...] (HARAWAY, 1995, p.15).

Esse projeto requer a mudança da concepção da Ciência-Química e da sua estrutura, uma vez que se faz necessário atrelar aos nossos currículos uma abordagem sobre gênero de maneira a desmistificar a Ciência como algo hegemonicamente masculino e evidenciar o papel da mulher nos grandes feitos e descobertas nessa área do conhecimento. Além disso, precisaríamos “[...] produzir e disseminar saberes que não sejam apenas sobre ou por mulheres, mas também de relevância para as mulheres e suas (nossas) lutas” (OAKLEY, 1998, apud SANDENBERG, 2007, p.1). Saberes esses que partem do entendimento como a falta de justiça social pode gerar conflitos e lutas quando se trata, principalmente, da ascensão na carreira científica.

Mesmo com período tardio da inserção das mulheres na academia, as mesmas conseguiram formação acadêmica superior a dos homens, entretanto, existe uma disparidade de gênero quando se trata ao progresso de níveis acadêmicos. Conforme podemos observar nas notas registradas da pesquisa de Naiane Naideka e colaboradoras (2020), os homens conseguem ter maior ascensão na vida acadêmica:

Entretanto, apesar da representatividade das mulheres com formação universitária ser superior à dos homens, quando verificamos a ascensão ao longo da carreira profissional científica, citações e Prêmio Nobel, os homens ainda se destacam. Um estudo da Elsevier (*Gender in the Global Research Landscape*) mostrou que no Brasil, no período de 2011-2015 e considerando todas as áreas de pesquisa, as mulheres constituíam 49% da população de pesquisadores. Entretanto, quando analisado o número de pesquisadores registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em 2018, nas áreas de química, física e matemática existe uma disparidade de gênero, em que 68% é composto por homens e 32% por mulheres. Ao analisar as principais áreas da química: físico-química, orgânica, analítica e inorgânica, observa-se um valor crescente de representatividade feminina como pesquisadoras, indo de 25 a

35% na ordem citada para as respectivas áreas. Com relação à produção científica nos países Ibero-americanos, as mulheres são minoria nas publicações na área de Química e Física, nos anos de 2014-2017. Além disso, no âmbito nacional de publicações e citações, as mulheres são autoras de apenas 40% dos artigos publicados neste período [...] (NAIDEKA et al., 2020, p. 823, grifos nossos).

As porcentagens apresentadas na citação evidenciam a disparidade na ascensão científica dos homens em relação às mulheres, no entanto o que explicaria essa diferença? Visto que as mulheres conseguem “driblar” as dificuldades da formação inicial, mas possuem uma “desvantagem” na ascensão e crescimento na vida acadêmica e formação continuada. O trabalho da Olívia Olinto (2011) enfatiza o nome de dois mecanismos que podem explicar essa disparidade, são elas: a segregação vertical e a segregação horizontal.

A primeira é o tipo de mecanismo encontrado na maioria dos ambientes acadêmicos e científicos. A chamada segregação vertical ou “teto de vidro” se refere ao mecanismo social por meio do qual as mulheres não podem progredir em seus ambientes de trabalho e permaneçam em posições de maior subordinação do que os homens, inclusive nas carreiras científicas (OLINTO, 2011). Infelizmente esse tipo de segregação sustentou o androcentrismo no meio científico e o conhecimento feminino por vezes foi deixado de lado ou atribuído a homens, na situação conhecida como *Efeito Matilda*⁴ (ROSSITER, 1993).

O segundo mecanismo, a segregação horizontal, reforça o chamado *Marianismo*, um tipo de estereótipo cultural, que estimula a divisão das funções sociais entre os sexos e que coloca as mulheres como prontas para atividades privadas e para a procriação. Dito de outra forma:

Por meio da segregação horizontal as mulheres são levadas a fazer escolhas e seguir caminhos marcadamente diferentes daqueles escolhidos ou seguidos pelos homens. Sobre tudo pela atuação da família e da escola, as meninas tendem a se avaliar como mais aptas para o exercício de determinadas atividades e a estabelecer para si mesmas estratégias de vida mais compatíveis com o que consideram ou são levados a considerar como mais adequados para elas. A segregação horizontal inclui mecanismos que fazem com que as escolhas de carreiras sejam marcadamente segmentadas por gênero [...] (OLINTO, 2011, p. 69).

Esse segundo mecanismo também dificultou a participação das mulheres na Ciência, o chamado *Efeito Camille Claudel*. Esse efeito é descrito por Betina Lima

⁴ Efeito Matilda é a “subvalorização sistemática de contribuições de mulheres para a ciência e literatura” (ROSSITER, 1993, p.334).

(2011) como: “[...] uma proposta de reflexão sobre alguns aspectos em que a manutenção das relações afetivas como atribuição feminina, em especial no casamento, torna-se barreiras à ascensão profissional das mulheres” (LIMA, 2011, p. 16). Para a autora o *Efeito Camille Claudel* se desdobra em três principais aspectos: carreiras encaixadas; ofuscamento das mulheres em função do gênero e relação de concorrência.

O primeiro aspecto, carreiras encaixadas, “[...] refere-se a escolhas profissionais tomadas em função da manutenção de um determinado relacionamento amoroso e/ou união familiar” (LIMA, 2011, p. 16). Como resultado da pesquisa, a autora percebeu que a ruptura e adequações feitas por pesquisadoras brasileiras em função da família provocaram atrasos e danos em suas carreiras, como:

“[...] perda da possibilidade de obter um título de doutor em uma instituição de renome no exterior, adequação de temática sem que esta decisão tenha resultado de uma estratégia profissional, ruptura com colaboradores, desistência de melhores ofertas de trabalho, dentre tantas outras consequências que se somam [...]” (LIMA, 2011, p. 17).

Dessa forma, em um quadro geral as demandas e a “imposição” social acarretaram efetivamente no posicionamento de algumas mulheres de abandonar suas carreiras profissionais, científicas para se dedicar integralmente aos cuidados da família no papel de mulher e mãe. Conforme Patrícia Zulato Barbosa e Maria Lúcia Rocha-Coutinho (2012), essas dedicações limitaram a existência dessas mulheres e, historicamente, aquelas que se posicionavam contra essa realidade eram taxadas de “menos femininas” ou incompletas dentro de uma total discriminação e desrespeito.

O trabalho de Letícia dos Santos Pereira (2021, p. 399) retratou a história da primeira doutora em química da Alemanha, Clara Immerwahr, que “[...] encontrou no casamento e no papel de esposa e mãe obstáculos ao seu desenvolvimento enquanto cientista” ao ponto que seu marido, também químico e parceiro de pesquisa, Fritz Haber, manteve uma ascensão na carreira enquanto ela cumpria o seu “papel de mulher”. Infelizmente, devido a problemas conjugais, a participação do seu marido na Primeira Guerra Mundial e a perda de dois amigos levou a cientista a tirar a própria vida, interrompendo uma carreira brilhante.

O exemplo da Clara Immerwahr é um caso, mas muitas mulheres abandonam ou atrasam suas carreiras devido a decisões tomadas em função de um

relacionamento ou da família. Logo, se faz necessário evidenciarmos essas questões para termos um olhar cuidadoso para essas mulheres e buscarmos alternativas por meio de políticas de apoio que possam ajudar na progressão e/ou até na retomada de suas carreiras, independentemente da escolha pessoal que possam optar como, por exemplo, ser mãe.

O segundo aspecto do *Efeito Camille Claudel* trata-se do “[...] ofuscamento do mérito das mulheres quando casadas com pesquisadores da mesma área de atuação” (LIMA, 2011, p.17). A pesquisa relatou que em alguns casos as conquistas das mulheres, quando em colaboração com pesquisadores do sexo masculino, são vistas como “suspeitas”. Essas tomadas de atitudes desmerecem o trabalho realizado pelas mulheres e mais uma vez nos coloca em uma condição de inferioridade.

Porque ficar em segundo plano no momento de receber os créditos pela parceria com seu cônjuge ou com um colaborador? Infelizmente é mais comum do que se imagina e muitas mulheres acabam usando de alguns artifícios para se esquivar de tal situação, “[...] muitas pesquisadoras adotam a estratégia, inclusive, de não terem sempre o mesmo colaborador ou publicarem sozinhas para não enfrentarem esse tipo de questionamento” (LIMA, 2013, p. 894).

O último aspecto mencionado na pesquisa da Betina Lima é o da concorrência entre casais que atuam na mesma área, em um trecho ela relata:

[...] em alguns casos, o motivo central para o fim de um casamento ou de uma relação estável foi o resultado da dedicação delas à carreira ou da ascensão alcançada nesta por elas, em especial, quando passam a ocupar uma posição profissional de maior prestígio e visibilidade que a do companheiro (LIMA, 2013, p. 895).

A citação nos conduz a pensar que em alguns casos, principalmente em relacionamentos heteroafetivos, os homens não conseguem aceitar a ideia de a mulher exercer ou estar em uma posição maior que a sua. Inevitavelmente, esse fator pode se tornar o maior desestimulante de carreiras e o aumento dos divórcios. O que nos faz entender que o sexismo invade todos os âmbitos da vida das mulheres e a luta pela igualdade de gênero se estende por um percurso estreito e doloroso.

Os mecanismos de segregação assim como todas as opressões de gênero não devem passar despercebidos aos olhos de pessoas que estejam dispostas a construir uma “ciência feminista”, ou melhor, uma ciência que venha dialogar com os

interesses e necessidades das mulheres, como bem potuada por Helen Longino (1997) citada por Jocieli Decol (2022, p. 59):

O que torna uma feminista feminista é o desejo de dismantelar a opressão e a subordinação das mulheres. Isso requer a identificação dos mecanismos e instituições de opressão e subordinação feminina, ou seja, os mecanismos de gênero. O objetivo cognitivo das pesquisadoras feministas, portanto, é revelar a operação do gênero, tornando-o visível e identificando os mecanismos pelos quais os agentes femininos generificados são subordinados.

Assim, acreditamos que as identificações dos mecanismos de segregação apontadas por essas lentes possam estar atreladas as “falas” das trabalhadoras/pesquisadoras participantes do documentário. Buscaremos com elas algumas reflexões acerca de como pode ocorrer à emancipação e luta por justiça social dentro da concepção de gênero na Ciência. E seguimos o nosso texto refletindo sobre as questões de gênero só que atrelado agora às questões raciais que permeiam todo o nosso contexto histórico.

Gênero e Raça

As mulheres negras tiveram suas vidas marcadas pela exclusão e invisibilidade, causadas, principalmente, pelos princípios da branquitude e masculinidade que regem a nossa sociedade. Tais marcas se mantiveram durante a história do Brasil, uma vez que suas trajetórias estavam vinculadas ao período escravocrata, com a função e representação do servir (SILVA, 2016). Infelizmente, essa invisibilidade e exclusão perpassaram também as ciências naturais e ao longo da história as discussões de gênero e de raça foram descartadas perante a objetividade, neutralidade e universalidade desse ramo do conhecimento (SCHIEBINGER, 2008) que tem suas raízes estruturadas pelo racismo patriarcal.

Mediante a tal contexto e por entender que meu local acadêmico de origem, a UFRB, nasceu com as políticas de Ações Afirmativas, por adotar integralmente a Lei 12.711/2012⁵ (Lei de Cotas) e, por sua vez, permitiu que a população negra, inclusive as mulheres oriundas do recôncavo baiano e demais localidades tivessem acesso ao nível superior, que venho por meio desse referencial teórico gerar reflexões advindas do feminismo negro para entender as opressões de gênero, raça

⁵ Alterada para a Lei Nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016, a fim de dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13409.htm#art1. Acesso: 30/08/2022.

e classe a que as mulheres negras são submetidas. Assim, para fundamentar esse tópico apresentarei algumas referências da contemporaneidade afro-latino-americanas e afro-estadunidenses que articulam seus estudos dentro do feminismo negro e desvelam os processos históricos, políticos e sociológicos que contribuíram para delimitar a participação das mulheres negras na sociedade.

Primeiramente, precisamos falar sobre o sistema de opressão e poder que operam sobre as mulheres negras. Para isso, o surgimento de uma categoria que nasceu dentro do feminismo negro norte-americano e transcendeu para outros lugares e espaços, a *Interseccionalidade*, pode nos ajudar a compreender como funciona esse sistema. O termo vem sendo propagado por diversas autoras a exemplo da Kimberlé Crenshaw, autora que criou o conceito, Carla Akotirene (2019), Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), dentre outras.

Em uma descrição genérica Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021, p.1) nos apresentam o termo:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humana.

Por meio dessa definição as autoras deixam evidente que as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero funcionam de maneira unificada e influenciam nos aspectos sociais que conhecemos. Além disso, para elas essa definição ampla “[...] sinaliza um consenso sobre como se entende a interseccionalidade” (COLINS; BILGE, 2021 p. 2). Porém, a feminista e militante Carla Akotirene também influenciada pelas referidas autoras reformula um novo conceito que amplia o entendimento do termo e por vez abre-se uma nova discussão sobre a invisibilidade das condições de vida das mulheres negras.

Para ela a *Interseccionalidade* é uma “[...] sensibilidade analítica pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista” (AKOTIRENE, 2019, p. 14). Carla Akotirene apresenta ainda uma reflexão baseando-se nos estudos da pioneira do tema, Kimberlé Crenshaw, ao afirmar que:

Segundo Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que

reproduz o racismo. Igualmente o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro (AKOTIRENE, 2019, p. 14).

Com a citação, percebemos que os movimentos de gênero e antirracista falharam por privilegiar as mulheres brancas e homens negros. A dinâmica de dominação social racista e machista e o fato de o movimento feminista brasileiro elencar de forma generalizada questões étnicas, culturais e de classe foi o ponto de partida para a subdivisão do feminismo como apresenta o trabalho de Mariana Damasco (2009, p. 53):

Como vimos, entre as décadas de 1980 e 1990, emergiu no interior do movimento feminista brasileiro uma pluralidade étnica, cultural e de classe. Esse processo resultou na fragmentação do movimento em vários grupos de mulheres particulares. Em relação às mulheres negras, como abordado neste capítulo, a principal crítica centrava-se na falta de percepção, por parte do movimento feminista, da temática racial e sua importância para a identidade das mulheres negras atuantes no interior do feminismo. Esse fato foi crucial para que as ativistas negras brasileiras se mobilizassem e fundassem um movimento próprio, denominado por elas mesmas de “feminismo negro”.

A temática racial que seria então uma identidade das mulheres negras deveria estar atrelada a uma categoria e não a uma universalidade em que o movimento feminista anunciava, logo, cabia o rompimento e o surgimento do feminismo negro. Sueli Carneiro (2003, p.120, grifos da autora) destacou:

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em *solidariedade racial intragênero* conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. O mesmo se pode dizer em relação à solidariedade de gênero intragrupo racial que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais na agenda dos Movimentos Negros Brasileiros.

O rompimento com o “feminismo branco” nos permite perceber que mulheres negras sofrem dentro de um contexto de uma dupla discriminação, gênero e raça. Longe de desmerecer a luta do feminismo, mas são evidentes que mulheres negras experimentaram diversas desvantagens sociais que as colocaram em uma condição de inferioridade se comparadas com a imagem, relações e posições sociais das mulheres brancas. Ou seja, além da desvalorização das questões fenotípicas, por meio das discriminações étnicas e raciais a condição social ainda é mais intensificada, Angela Davis (2018, p. 92) apontou que:

(...) a luta pelos direitos das mulheres foi ideologicamente definida como uma luta pelos direitos das mulheres brancas de classe média, expulsando mulheres pobres e da classe trabalhadora, expulsando mulheres negras,

latinas e de outras minorias étnicas do campo do discurso coberto pela categoria ‘mulher’.

Assim, a categoria deveria ser repensada para incluir as mulheres negras e não europeias que estão submetidas a uma “herança escravocrata” colocando-as sempre em condições de inferioridade dentro do mercado de trabalho. Pois o que vemos são mulheres “destinadas” a assumirem empregos domésticos, ocuparem cargos baixos ao desenvolverem suas habilidades enquanto profissionais da indústria e trabalhos urbanos ou permanecendo e desenvolvendo atividades agrícolas e rurais (NASCIMENTO, 2019). A pesquisa de Giselle Pinto (2006, p. 7) apresentou que: “[...] a maior incorporação das mulheres negras está no setor dos serviços domésticos” e conforme a autora isso se explica:

[...] devido às diferenças sexuais terem papel importante na associação entre as necessidades de participar do mercado de trabalho (mulher não precisa estudar, tem que trabalhar) e a realidade socioeconômica desfavorável, (devido ao estado de pobreza das famílias), em que vive a população negra no Brasil; ou seja, as meninas negras deixam de estudar, para ajudar na renda familiar, atuando em trabalhos domésticos (ibid., p. 7-8).

O sexismo e racismo foram determinantes para a manutenção desse sistema excludente que alimenta até hoje preconceitos e gera desigualdades que afetam diretamente a vida dessas mulheres. A partir desse entendimento percebemos o quão grande são os papéis que o feminismo negro desempenha para a reparação histórica da população negra, sobretudo as mulheres. A mulher negra era excluída da equidade de gênero que o feminismo branco pregava e as reivindicações que as mulheres brancas buscavam, logo como muito bem apontado por Suelí Carneiro (2011, p.121):

É a consciência desse grau de exclusão que determina o surgimento de organizações de mulheres negras de combate ao racismo e ao sexismo, tendo por base a capacitação de mulheres negras, assim como o estímulo à participação política, à visibilidade, à problemática específica das mulheres negras na sociedade brasileira, à formação de propostas concretas de superação da inferioridade social gerada pela exclusão de gênero e raça, e à sensibilização do conjunto do movimento de mulheres para as desigualdades dentro do que o racismo e a discriminação racial produzem.

Dentro dessa perspectiva torna-se importante o movimento desse grupo de mulheres de se reconhecerem a partir do seu espaço social, daí a necessidade de incorporar e tratar sobre o *lugar de fala*. Djamila Ribeiro, professora, escritora, filósofa e ativista social, importante voz do feminismo negro atual brasileiro é a

responsável por uma das obras mais consolidadas do feminismo negro: *O que é Lugar de Fala* (RIBEIRO, 2017).

Como primeiro livro da coleção *Feminismos Plurais*, a autora objetiva “[...] trazer para o grande público questões importantes referentes aos mais diversos feminismos de forma didática e acessível” (RIBEIRO, 2017, p.10). O livro busca identificar os saberes que contestam os princípios de branquitude, masculinidade, heterossexualidade e tem como intenção desmistificar alguns conceitos que intensificam preconceitos em nossa realidade social. Além disso, Djamila tenta elaborar o conceito de *lugar de fala* em torno de argumentos que permeiam a história por meio de pensamentos e pesquisas, sobretudo de autoras feministas negras, a exemplo da Grada Kilomba, Léila Gonzalez, Luiza Bairros e Patrícia Hill Collins.

A autora menciona: “[...] Falar de racismo, opressão de gênero, é visto geralmente como algo chato “mimimi” ou outras formas de deslegitimação” (RIBEIRO, 2017, p. 45, grifos da autora). E articulada com o pensamento de Kilomba, entende que a “[...] dificuldade de a pessoa branca em ouvir” é justamente pelo “[...] incômodo que essas vozes silenciadas trazem” (RIBEIRO, 2017, p. 42). Djamila ainda destaca ao fazer referência à escrava Anastácia⁶, a partir dos olhares de outras autoras como Conceição Evaristo e Grada Kilomba, que:

Para além da questão concreta daquela mulher ser obrigada a calar-se, a usar um artefato em sua boca, Kilomba pensa essa máscara como a afirmação do projeto colonial. Vê essa máscara como “a mask of speechless” – em tradução literal ‘a máscara daquelas que não podem falar’. Nessa perspectiva, essa máscara legitima a política de silenciar “Os Outros”, afirma a pensadora. As perguntas que a autora faz neste capítulo são importantes para a nossa reflexão de quem pode falar. Questiona: “Quem pode falar?”, “O que acontece quando nós falamos?” e “Sobre o que é nos permitido falar?” (RIBEIRO, 2017, p. 44, grifos da autora).

⁶ Sem história oficial, alguns dizem que Anastácia era filha de uma família real Kimbundo, nascida em Angola, sequestrada e levada para a Bahia, Brasil e escravizada por uma família portuguesa. Após o retorno desta família para Portugal, ela teria sido vendida a um dono de uma plantação de cana-de-açúcar. Outros alegam que ela teria sido uma princesa Nagô/Yorubá antes de ter sido capturada por traficantes de escravos europeus e trazida para o Brasil. Enquanto outros ainda contam que a Bahia foi seu local de nascimento. Seu nome africano é desconhecido. Anastácia foi o nome dado a ela durante a escravidão. Segundo todos os relatos, ela foi forçada a usar um colar de ferro muito pesado, além da máscara facial que a impedia de falar. As razões dadas para este castigo variam: Alguns relatam seu ativismo político no auxílio em fugas de outros(as) escravizados(as); outros dizem que ela havia resistido às investidas sexuais do mestre branco. Outra versão ainda transfere a culpa para o ciúme de uma senhora que temia a beleza de Anastácia (HADLER, HAYESH, 2009 apud CONCEIÇÃO, 2020, p.348).

Essa política do silenciar “[...] mulheres brancas, mulheres negras, homens negros, pessoas transexuais, lésbicas, gays” (RIBEIRO, 2017, p.43) perpassa gerações e o *lugar de fala* seria então o instrumento capaz de romper com o pensamento hegemônico que nos é posto desde o nosso nascimento. Porém, a tomada de consciência das pessoas inferiorizadas que transcende constantemente as redes sociais e os meios comunicação de massa por meio do *lugar de fala* “[...] é vista como inapropriada ou agressiva porque aí se está confrontando poder” (ibid., p. 44) e muitos preferem chamar de “mimimi”.

A obra, então, potencializa a ideia de repensarmos lugares nas esferas políticas, sociais e acadêmicas como locais em que as pessoas subalternizadas, inclusive as mulheres negras, possam estar inseridas. Djamila enfatiza que: “[...] quando falamos de pontos de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania” (RIBEIRO, 2017, p. 34). Porém, torna-se mais difícil a ocupação das mulheres negras nesses espaços, uma vez que a subalternização ultrapassa os impactos do racismo, visto que as mesmas foram fadadas aos piores índices sociais frutos das relações patriarcais e sexistas pré-existentes. Conforme Sonia Giacomini (1988) citada por Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013, p. 57):

A lógica da sociedade patriarcal e escravista parece delinear seus contornos mais brutais no caso da mulher escrava. A apropriação do conjunto das potencialidades dos escravos pelos senhores compreende, no caso da escrava, a exploração sexual do seu corpo, que não lhe pertence pela própria lógica da escravidão.

A condição de exploração da mão de obra e a objetificação das mulheres negras no período escravocrata reforçou o estigma da sexualização de seus corpos e as colocou em condições “só corpo, sem mente” como mencionou bell hooks (1995, p. 449). Por isso, vale ressaltar que com as políticas públicas de inclusão social, racial e de gênero, muitas meninas/mulheres negras começaram a ocupar esses espaços que de forma estereotipada as colocavam como incapazes de realizar atividades intelectuais retomando as condições de subserviência. Desse modo, acreditamos que o conceito de *lugar de fala* representa uma garantia, principalmente dentro desses espaços que historicamente e socialmente as invalidaram, de se posicionarem a partir do reconhecimento de seu local social a fim de confrontar o racismo estrutural do Brasil.

Quando a autora finaliza a obra com o capítulo “todo mundo tem *lugar de fala*” a mesma pretende mostrar que as pessoas que ocupam posições privilegiadas devem a partir do local social que ocupam, estudar e discutir sobre as questões dos subalternizados. Porém, precisamos nos atentar a algumas situações, por exemplo: se o homem branco, que nunca experimentou passar por nenhum tipo de preconceito racial na vida, fala sobre os preconceitos raciais que as mulheres negras passam, qual lugar pronuncia seu discurso? Djamila pontua:

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados (RIBEIRO, 2017, p. 47).

Acredita-se então que os indivíduos brancos por terem seus moldes culturais, políticos e sociais tidos como “adequados” precisam entender o lugar hierarquizado que ocupam e devem procurar reconhecer e defender as realidades e pautas defendidas por grupos inferiorizados. Como a própria Djamila esclareceu na apresentação do livro: “Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade” (RIBEIRO, 2017, p.10).

Esse novo modelo de sociedade surge também a partir da divulgação individual e coletiva de mulheres negras que saem da condição de passividade e tornam-se seres ativas que buscam constantemente “resistências e reexistências” (RIBEIRO, 2017). Assim, por meio do documentário, esperamos que as profissionais da química retratem suas vidas de modo que consigamos gerar reflexões sobre as questões de gênero e raça na Ciência. E para finalizarmos os tópicos que compõem nosso referencial teórico iremos abordar o conceito de Representatividade e os “sentidos plurais” atrelados a sua definição.

Representatividade

Segundo a UNESCO (2020) menos de 30% dos atuais pesquisadores no mundo são mulheres, dentro de uma população que segundo a Organização das

Nações Unidas – ONU⁷ em 2019 correspondeu a 3,82 mil milhões de mulheres. Esse dado é bastante significativo para entendermos a importância de discutirmos a representatividade de mulheres no meio científico. Mas o que é representatividade? Para entendermos isso se faz necessário compreender as configurações de poder do mundo em que estamos inseridos.

Bárbara Ferreira (2017, p. 60) discorre em sua tese que as ideias liberais “normatizaram” e normalizaram o patriarcado como sistema dominante:

É possível pensar o patriarcado como um sistema muito arraigado, presente nas instituições mais tradicionais e em um momento histórico anterior na nossa sociedade. Longe de acabar, o patriarcado se transforma, se transmuta em formas de dominação baseadas, agora, em estruturas de vantagens e oportunidades; benefícios estes alcançados, apenas, pelo sujeito dominante, sistematizado a partir da ideia de ser universal do liberalismo patriarcal. A dominação masculina se configura para além do patriarcado histórico (que, em alguns casos, foi transformado), tornando-se um fenômeno geral e presente nas diferentes relações sociais atuais.

Ou seja, estabeleceu-se um padrão normativo e naturalizado na sociedade em que prevalece o poder e domínio dos homens sobre as mulheres, quando para além da desigualdade o gênero feminino se sujeita a maior violência e discriminação, quando tem pouca participação política, menos acesso a cargos de chefia e detém remuneração menor do que homens nas mesmas funções de trabalho. Por mais que formalmente homens e mulheres sejam iguais perante a Constituição Federal (BRASIL, 1988), materialmente mulheres continuam sendo inferiorizadas perante os homens em vários aspectos do dia a dia, entre eles na Ciência.

É nessa sociedade que cabe à mulher o papel subalterno, de “espelho” – como tão bem colocou Virginia Woolf (1985) em seu ensaio “Um teto todo seu”, em que lhe cabia refletir o homem maior do que lhe era apresentado. Numa sociedade em que se vê homens dirigindo carros, pilotando aviões, lutando e praticando esportes, comandando grandes empresas e o país, restando para a mulher os cuidados domésticos e familiares, atuando dentro dos muros de seus lares como dona de casa, mãe, avó, carola, freira, cozinheira, doméstica, no suporte para o sucesso de seus pais, cônjuges e filhos.

Os reflexos do espelho para essas mulheres foram reduzidos, pois como elas poderiam se mirar para galgar tão altos postos quanto os possibilitados para os

⁷ <https://population.un.org/wpp/>

homens? Representatividade seria então, um novo padrão para se espelhar tornando-se aquilo que deseja, e não o que estipularam para si. Olívia Souza (2021, p. 155) compreende representatividade como:

“[...] um processo que dá a ver sentidos plurais e com camadas sobre grupos minoritários - Apresentamos a representatividade como uma busca não só por liberdade (a noção de não mais ter apenas representações que tendem a reduzir um grupo a determinadas características), mas também por justiça social [...]”.

Percebemos com essa citação que a representatividade estaria atrelada a grupos minoritários, porém na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística - IBGE (BRASIL, 2019) as mulheres constituem mais da metade da população brasileira, ou seja, aproximadamente 52,2%. Elas não são minoria, porém há pouca representatividade em determinados ambientes e áreas do conhecimento, como na Química, por exemplo. Isso reforça a ideia de que o patriarcado estabelecido historicamente interfere na representatividade e ocupação de cargos femininos, mesmo que numericamente elas se constituam como a maioria.

Na citação, Olívia Souza (2021), ainda assimila o significado da palavra representatividade a “sentidos plurais” que podem ser definidos como: 1) ter uma representação (a presença); 2) ter um número que signifique efetivamente mudanças; 3) ser uma presença multidimensional e 4) contar histórias diversas.

O primeiro elemento, ter uma representação, se destaca pela presença, porém a autora ressalta que somente esta não garante a representatividade. Olívia Souza (2021) exemplifica que a maioria das telenovelas se contenta em apresentar os personagens negros no período escravocrata, desenvolvendo trabalhos domésticos, pobres e favelados. Nessas situações não temos uma construção de uma identidade positiva, são situações que reduzem o grupo negro a condições inferiores.

Andrea Silva e Grécia Silva (2019, p. 43) trazem uma reflexão sobre o que significa ser representado (a): “[...] Ser representado, em um sentido amplo, é ser visível. É ter existência. Pensar na representação de um segmento é, assim, pensar em diferentes camadas ou dimensões de ser e de estar [...]”. Ou seja, para além do “ser visível” é preciso estar visível da forma como se deseja, em construções diversas de identidade, em uma presença multidimensional, nos mais diversos

setores e campos acadêmicos, profissionais, podendo ser ouvidas e não apenas em posições inferiorizadas da sociedade.

Afinal quem faz questão de ver uma mulher em uma propaganda sendo que o papel que ela desempenha é o de mãe, de dona de casa, de esposa. O que isso contribui para o seu crescimento ou para a mudança de paradigma da forma como ela é vista e retratada? Ver um negro numa novela servindo de motorista ou doméstica reforça estereótipos e serve para compor “cota”, não representa. Com esses exemplos, fica claro que representatividade não é só estar presente, mas de que forma essa presença se anuncia além de situações já rotuladas em uma sociedade fortemente influenciada pelo patriarcado branco e privilegiado.

Vera França (2004, p. 14) ainda enfatizou que as representações podem ser: “[...] signos, imagens, formas ou conteúdos de pensamento, atividade representacional dos indivíduos, conjunto de ideias desenvolvidas por uma sociedade”. Quando pela falta de representatividade atingimos a invisibilidade contribuimos para que muitas meninas que aspiram ou aspirariam ingressar em determinadas carreiras não se sintam motivadas e percam interesse de adentrar no mundo científico, por não se enxergarem nesses lugares. Ainda nessa reflexão, segundo Nobuyoshi Chinen (2013, p. 40): “No processo de construção de sua identidade, o indivíduo adota o referencial de que se dispõe [...]”, desse modo, se os indivíduos não se veem representados em determinados seguimentos e setores há uma grande possibilidade de nem se enxergarem ocupando determinados espaços.

Na Química, o livro didático, por exemplo, poderia ser uma valiosa fonte de informações visuais e de representatividade feminina na Ciência. Contudo, ao longo da história muitas mulheres passaram despercebidas e não tiveram reconhecimento por parte desse instrumento de ensino (SANTOS; LOPES, 2019; SKUMRA; MÜNCHEN; KAMANSKI; 2020). Kathryn Woodward (2012, p. 18) explicou:

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais [...]. Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Assim, o livro didático, no lugar de ser responsável pela construção da identidade de muitas meninas e jovens que tivessem contato com as histórias e feitos das mulheres na Ciência, reforça ainda mais o padrão patriarcal, evidenciando

as nomenclaturas de Dalton, Lavoisier, Pascal, Mendeleev e tantos outros que também reforçam a visão estereotipada do cientista como homem, branco e europeu, em detrimento de Marie Curie, Kathleen Lonsdale, Dorothy Hodgkin, Alice Ball, Clara Immerwahr e tantas mais. Não se trata do apagamento do mérito dos pesquisadores, mas de divulgar de maneira igual às conquistas de ambos os gêneros e fortalecer a representatividade das mulheres e meninas na Ciência.

A representatividade é um processo no qual constitui sentidos próprios, os “sentidos plurais”. Como visto, para além da presença, a representatividade para acontecer deve estar ligada a um quantitativo de pessoas que se encontrem em espaços de influências que devido aos preconceitos foram delimitados a uma parcela da população, masculina e branca. Portanto, precisamos nos apropriar de conhecimentos que nos faça perceber as influências preconceituosas em torno da Ciência e assim valorizarmos pesquisas, como essa, engajada em retratar a representatividade.

Revisando o roteiro e conferindo os equipamentos do set



O roteiro, entendido como técnica de elaboração ou de “pré-visualização” de um filme [...] constitui o ponto de referência para o preparo de todas as ações técnico - organizativas da realização [...]. O roteiro é um texto de tipo muito particular.

Trecho do livro “*Compreender o cinema*” de autoria de Antonio Costa (2003, p. 166).

Neste capítulo apresentamos os métodos utilizados para promover a coleta e análise de informações para a realização desta pesquisa. Os procedimentos e técnicas abordadas estão organizados de acordo com suas especificidades em tópicos que esclarecem, desde a definição da pesquisa, até a descrição do produto para facilitar o entendimento dos leitores.

Definições da Pesquisa

O método que melhor se adequou para realização desta investigação foi uma abordagem qualitativa. A confiabilidade desse método de pesquisa não é pela obtenção de parâmetros de quantificação, mas sim o percurso metodológico bem estruturado, suportes teóricos e considerar a realidade vivenciada pelos sujeitos do estudo, colocando-os como parte fundamental no desenvolvimento do mesmo (SUASSUNA, 2008).

Deslandes, Gomes e Minayo (2009, p. 21) enfatizam que a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Isso nos permite entender que a pesquisa qualitativa está voltada muito mais para *compreensão* dos fenômenos do que necessariamente para a sua *descrição*. A investigação em questão caminha junto com a definição da referida literatura quando buscamos compreender todos os fenômenos envolvidos nas falas das participantes do documentário a partir das entrevistas realizadas.

Aliada ao método qualitativo e de acordo com as características do trabalho, a modalidade a qual se insere a pesquisa proposta é a *pesquisa de campo*. Segundo Tozoni-Reis (2009, p. 28) essa “[...] modalidade de pesquisa, como o próprio nome indica, tem a fonte de dados no próprio campo em que ocorrem os fenômenos [...]”. No caso desta pesquisa, tivemos campos diversos para tentar ampliar a representatividade das participantes do documentário, um dos referenciais teóricos

deste estudo. Ou seja, fomos aos espaços de trabalho ocupados por cada uma das pesquisadoras/profissionais em Química para dialogarmos questões múltiplas das dimensões de estar/ser Mulher na Ciência.

Questões Éticas da Pesquisa com Seres Humanos

A Norma Operacional CNS 001/2013⁸ prevê que pesquisas envolvendo seres humanos devem ser submetidas à apreciação ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), por meio da Plataforma Brasil⁹, que, ao analisar e decidir se torna corresponsável por garantir a proteção dos participantes. Essa investigação envolvendo seres humanos vem a ser definida pelas Resoluções 466 (BRASIL, 2012) e 510 (BRASIL, 2016) como a “pesquisa que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais” (BRASIL, 2013, p. 60). Dessa forma, como a pesquisa se enquadra nessa definição, o projeto de pesquisa, com as demais documentações exigidas, foi submetido à apreciação pelo CEP do Centro Multidisciplinar UFRJ-MACAÉ. Após os trâmites, este trabalho foi aprovado sob o registro CAAE 53699321.1.0000.5699.

A dimensão ética é parte essencial de uma pesquisa. Ela diz respeito desde a simples escolha do tema ou da amostra, ou ainda, dos instrumentos de coleta de informações. Essas opções exigem dos pesquisadores um compromisso com a verdade e um profundo respeito aos sujeitos que nele confiam. Da mesma forma, a análise das informações e a produção das conclusões exigem dos pesquisadores o cuidado ético.

Assim, em respeito à legislação vigente (BRASIL, 2013, 2016) e também às questões éticas de pesquisa envolvendo seres humanos, o Roteiro de Entrevista (Apêndice A) utilizado nesta investigação foi planejado pensando nos direitos das entrevistadas, ao respeito e bem-estar das participantes, à fidedignidade das informações e às implicações sociais e políticas da pesquisa. Todo esse cuidado foi necessário para que houvesse respeito aos direitos do outro e ao bem-estar de

⁸Disponível em

<http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/CNS%20%20Norma%20Operacional%20001%20-%20conep%20finalizada%2030-09.pdf> Acesso em 10/07/2022.

⁹ Sistema online que tramita todos os processos de pesquisa que envolve seres humanos. Endereço eletrônico < <http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf> >

todos os envolvidos nesta investigação. Além disso, utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo A) e o Termo de Autorização de Uso de Depoimentos (Anexo B), documentos estes, de proteção legal e moral dos pesquisadores que objetivaram informar e esclarecer as mulheres deste estudo sobre a sua participação e contribuição com a pesquisa.

Instrumentos Utilizados na Obtenção de Dados

Os instrumentos de produção de dados para a pesquisa foram à observação participante da pesquisadora e as entrevistas obtidas nos capítulos do documentário. O documentário foi o material utilizado para que pudéssemos analisar as falas das participantes do estudo e a observação participante é “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental” (MOREIRA, 2002, p. 52). Na pesquisa, os investigadores passam a entrar no mundo dos sujeitos observados, tentando entender o comportamento real das participantes. Vale ressaltar que o documentário é o produto educacional desse mestrado profissional e será mais bem discutido em outro tópico deste capítulo.

Análise dos Dados

O procedimento metodológico utilizado na análise dos dados foi a Análise Textual Discursiva (ATD). A ATD “corresponde a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos” (MORAES; GALIAZZI, 2011, p. 7). A partir dessa intercessão dos métodos, a ATD é descrita por algumas etapas minuciosas e essenciais, sendo elas: a unitarização, categorização e comunicação (MORAES, 2003; MORAES; GALIAZZI, 2006; PEDRUZZI *et al.*, 2015).

A unitarização é a primeira parte da análise. De acordo com Roque Moraes e Maria Galiuzzi (2011, p. 15) o processo é:

Mais do que propriamente divisões ou recortes as unidades de análise podem ser entendidas como elementos destacados dos textos, aspectos importantes destes que o pesquisador entende mereçam ser salientados, tendo em vista sua pertinência em relação aos fenômenos investigados. Quando assim entendidas, as unidades estão necessariamente conectadas ao todo.

Portanto, os dados são fragmentados no intuito de obter maior detalhamento das características que se pretende analisar, tornando-se uma importante etapa

para o desenvolvimento da ATD. A segunda etapa, a categorização, consiste no agrupamento de informações que contém um mesmo sentido, as unidades estabelecidas na primeira etapa são organizadas em grupos com características semelhantes (PEDRUZZI *et al.*, 2015). Desse modo, a categorização:

Corresponde a simplificações, reduções e sínteses de informações de pesquisa, concretizados por comparação e diferenciação de elementos unitários, resultando em formação de conjunto de elementos que possuem algo em comum (MORAES; GALIAZZI, 2011, p. 75).

As categorias desta pesquisa foram definidas *a posteriori*, pois estas emergiram do nosso referencial teórico e do nosso roteiro de entrevista. A terceira e última etapa corresponde à produção de significados a partir das reflexões e interpretações dos pesquisadores a fim de gerar meta-textos que possibilitem a escrita e compreensão dos discursos (MORAES; GALIAZZI, 2006; PEDRUZZI; *et al.*, 2015). Definidas as etapas delimitamos as categorias correspondentes a este trabalho: *Gênero e Ciência*, *Gênero e Raça* e *Representatividade*. Eles serão discutidos no capítulo 3 deste trabalho.

Descrição do Produto

Esse tópico destina-se a apresentar a escolha e a produção do suporte audiovisual, o documentário, como produto da referida pós-graduação. Escolhemos o documentário, por acreditarmos que o mesmo funciona não só como “novas tecnologias”, mas também como instrumento capaz de levar informações e conhecimentos às novas gerações. Além disso, este trabalho também está vinculado ao grupo de pesquisa Ciênica¹⁰, projeto este que visa a enculturação artística e científica dos seus integrantes. Logo, um dos intuitos dessa pesquisa é engajar a utilização de documentários e valorização do cinema dentro do Ensino de Química.

O filme documentário nasce com os primórdios do cinema, no final do século passado, em que esse era o principal instrumento para registrar os acontecimentos cotidianos, históricos, cerimônias e registros diversos (RODRIGUES, 2010). As primeiras evidências históricas surgiram com o norte americano Robert Flaherty que acompanhava a vida dos esquimós do Canadá e por Dziga Vetov que pretendia

¹⁰ <https://www.projetocienica.com.br/>

captar a vida cotidiana sem interferências, o chamado “Cinema-Verdade”¹¹ (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003).

Mas, o que é um documentário? Seria apenas um filme que mostra e representa a realidade? Para Bill Nichols (2005), um dos mais importantes teóricos da área, o documentário é uma representação do mundo e não uma reprodução da realidade, este define que:

[...] os documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social (NICHOLS, 2005, p. 73).

Assim, podemos entender que os documentários, como modalidade do cinema, além de registrar as concepções dos sujeitos, é capaz de descrever, problematizar e identificar as dinâmicas sociais e/ou sociocientíficas. Além disso, de acordo com Zandonade e Fagundes (2003) os documentários podem ser divididos entre os modelos clássicos e modernos.

O clássico que teve origem no início do século XX e é baseado em ilustrações e narrações construídas com finalidades, na maioria das vezes, institucionais. Já o moderno, utilizado desde a década de 60, busca uma maior interação com o público, de modo a despertar o senso crítico e permitir interpretações variadas, de acordo com a realidade de cada espectador. Pois, como bem mencionado por Souza (2002, p. 20-21):

A atividade documentária não pode estar baseada em uma pretensa neutralidade, ela deve ser crítica diante de seu próprio fazer; por ser uma atividade humana pode se contaminar com os valores culturais e ideológicos de quem a desenvolve; e nesse sentido uma discussão ética se apresenta como necessária no desenvolvimento do método.

Concordamos com Souza (2002) a partir do momento que entendemos a necessidade de uma leitura crítica dos documentários, principalmente quando estas produções são exibidas no contexto escolar e acadêmico, ambientes que nos permite dialogar e associar criticamente assuntos diversos com a ciência. Giordan e Cunha (2009, p.10), afirmam que os filmes: “(1) podem refletir, realçar ou intensificar alguns aspectos da opinião pública sobre determinado assunto ou tema; (2) podem

¹¹ “[...] O Cinema Verdade/Direto revoluciona a forma documentária, por meio de procedimentos estilísticos proporcionados por câmeras leves, ágeis e, principalmente, o aparecimento do gravador Nagra. Planos longos e imagem tremida com câmera na mão constituem o núcleo de seu estilo [...] o Cinema Verdade inaugura a entrevista e o depoimento como elementos estilísticos” (RAMOS, 2004, p. 81-82).

inserir novas ideias na opinião pública sobre algum assunto ou tema [...]”. Vasconcelos e Leão (2009) enfatizam que os filmes podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem devido à dinamização da prática pedagógica, porém Oliveira e colaboradores (2012) destacam que para uma boa efetivação dos filmes em sala de aula o professor deve se colocar como mediador das discussões em torno do que foi exibido, visto que entendemos que a mediação pode motivar e incentivar os discentes a alcançar os objetivos pré-estabelecidos no planejamento docente.

Desse modo, partindo da ideia que o planejamento docente é essencial para toda e qualquer prática educativa, nas primeiras conversas e orientação tivemos que definir a temática e a linha de pesquisa que o trabalho estaria vinculado. Definimos que a linha de pesquisa seria “Dimensões da cultura, comunicação e tecnologias no ensino de química” visto que apresentáramos o protagonismo de mulheres, empreendedoras, administradoras professoras e pesquisadoras em Química. Em seguida, escrevemos o projeto e submetemos ao Conselho de Ética com as informações da pesquisa, juntamente com o Roteiro de Entrevista (Apêndice A) com todas as perguntas que faríamos às participantes do documentário.

Passada essa etapa de aprovação do Conselho de Ética contamos com uma equipe especializada em produção audiovisual, indicados pela pesquisadora principal, a Tabuleiro Produções, empresa que há 13 anos produz conteúdo audiovisual (clipes, documentários, curtas, programas televisivos, etc). O portfólio deles pode ser conhecido no site¹² ou no canal do Youtube¹³. A equipe de filmagem contou com um Diretor de Fotografia, o cineasta Márcio Soares, uma Diretora de Produção, a produtora e documentarista Carine Araújo, um operador de câmera, o estudante de cinema Gabriel Moreno e a direção de som, montagem e edição de vídeo por Uriel Santana, técnico de som e bacharel em cultura.

O acompanhamento e direção da equipe da Tabuleiro Produções nos auxiliou no processo de roteirização, direção, condução das filmagens, captação de áudio e a edição. Além disso, tivemos algumas referências de documentários que tratam sobre os desafios durante o percurso profissional de cientistas, pesquisadoras, professoras que conquistaram seus espaços em meio a preconceitos, machismo e racismo a exemplo: “ELAS NA CIÊNCIA”, documentário norte americano, lançado

¹² www.tabuleiroproducoes.com.br

¹³ <https://www.youtube.com/c/TabuleiroProducoes>

em 2020, na Netflix; “Physis – Substantivo Feminino¹⁴”, documentário encontrado no YouTube e “Mulheres na Ciência¹⁵” produzido pela Embrapa Agroenergia também disponibilizado no YouTube, vale ressaltar que tais documentários nos serviram de inspiração para podermos construir o nosso produto.

Em uma reunião conjunta, dialogamos sobre as melhores estratégias para a criação do documentário e definimos os aparatos tecnológicos profissionais para melhor definição e qualidade das imagens. Optamos em gravar em seus respectivos ambientes de trabalho para termos registros reais do local que desempenham suas funções, além disso, buscamos deixar as entrevistadas à vontade para que as mesmas perdessem a timidez e falassem de forma natural e espontânea.

As entrevistas aconteceram nos dias 08, 09, 12 e 18 de abril de 2022, nas cidades de Valença, Amargosa, Salvador e Maragogipe, acordadas previamente com as colaboradoras desta investigação. Os referidos municípios se situam no estado da Bahia e constituem em localidades onde as pesquisadoras desempenham seus trabalhos e exercem suas profissões.

A abordagem do filme mostra as entrevistadas de forma humanizada, tirando-as do simples papel de “depoentes” (elas contaram suas trajetórias acadêmicas, profissionais e narrativas de suas vidas) contemplando-as nas diversidades de tarefas, tão próprias das mulheres. A câmera buscou a emoção no relato das seguintes participantes: Creuza Souza Silva, Diretora do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Mara Danila Santos do Espírito Santo, empreendedora na área de produtos de limpeza, Idália Helena Santos Estevam, professora e pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Química da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Hanna Pinheiro Mascarenhas, professora da educação básica da rede pública vinculada à Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC/BA) e pesquisadora principal deste trabalho.

A gravação das histórias, relação com o ambiente de pesquisa, seus orgulhos conquistas e desafios serviram de mote para o Roteiro de Entrevista pré-estabelecido e após sugestão da banca de qualificação optamos em dividir o documentário em episódios que contemplam as falas das participantes em relação à

¹⁴ <https://www.youtube.com/channel/UCD2X5WILjUn0yF2bXWAZW2w?app=desktop>

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=9QReY268NXU>

carreira, família e preconceitos, sendo esses a denominação de cada episódio. No entanto, vale ressaltar que os nomes dos episódios não correspondem às categorias que surgiram da investigação, mas adotamos tais nomes genéricos para que outros que passem a ter acesso ao produto tenham mais facilidade em utilizá-los.

A participação e a sensibilidade nas falas das participantes faz do documentário um instrumento potente a ser discutidos nas diversos níveis de ensino e que busca estimular estudantes, principalmente jovens mulheres, que assistirem ao filme, a pensarem em uma carreira científica, mais especificamente na Química. Os episódios do documentário estarão disponíveis nos links do YouTube¹⁶ e no site oficial do PEQui¹⁷.

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=a6vVwNgCMxg>
<https://www.youtube.com/watch?v=C4tH4OLEctU&feature=youtu.be>
<https://www.youtube.com/watch?v=wRPxGCDcWCg&feature=youtu.be>

¹⁷ <https://pequiufrij.wordpress.com/>

Enquadramento do plano e ação



"Analisando as narrativas que compõem as nossas filmagens"

Neste capítulo apresentaremos os resultados obtidos nesta pesquisa com as discussões embasadas nos aportes teóricos que sustentaram a nossa investigação. Os resultados foram construídos por meio da transcrição das entrevistas contidas nos episódios do documentário, tal transcrição foi realizada com o auxílio do software MAXQDA¹⁸ e os dados foram analisados por meio da Análise Textual Discursiva (ATD). Após desmembramento dos textos e construção das unidades de significado, os depoimentos das entrevistadas foram agrupados em categorias visando a uma análise fidedigna das respostas obtidas na pesquisa. Como mencionado anteriormente, essas categorias foram definidas *a posteriori*¹⁹, emergindo no processo de investigação, sendo elas: Gênero e Ciência, Gênero e Raça e Representatividade. Vale ressaltar que utilizamos subtítulos retirados dos trechos das entrevistas para o início de cada categoria, tal modo que se assemelha aos trabalhos da Grada Kilomba. Assim, apresentaremos cada uma dessas categorias de acordo com as suas particularidades e dados obtidos, refletindo criticamente sobre os resultados alcançados.

A gente já começava com medo das críticas.

Na categoria Gênero e Ciência analisamos os dados referentes ao processo histórico baseado nos preconceitos de gênero, principalmente na academia e na vida profissional das entrevistadas. Buscamos identificar nas ‘falas’ das profissionais indícios do andropocentrismo que tanto permeia a vida das mulheres e suas histórias. Assim, visando analisar os dados de forma harmoniosa com o nosso referencial teórico, essa categoria se subdivide em duas: Mecanismos de Segregação e *Efeito Camille Claudel*.

Ao perguntarmos sobre a trajetória profissional das participantes, algumas evidenciaram que em algum momento da sua história perceberam que ser mulher seria uma questão para o desenvolvimento profissional, apresentamos um dos trechos das entrevistas:

Essa questão de ser mulher é bem complicada, né?! Porque sou das antigas e **naquela época era preconceito, no curso de química eu era a única mulher na turma que deu continuidade**, no curso até o final. **Eu**

¹⁸ encr.pw/3uIY3 – link do software

¹⁹ Categorias que “Emergem da ‘fala’, do discurso, do conteúdo das respostas e implicam constante ida e volta do material de análise à teoria” (FRANCO 2005, p.59).

tive colegas também que passaram junto comigo e muita discriminação, muita gozação por ser mulher, a gente era muito tolhida e a gente já começava já com medo das críticas, além disso, como falei para vocês eu vou para área de informática que foi pior ainda, área de informática que não tinha mesmo mulheres naquela área e agora na gestão também, viu gente?! **Eu percebo que eu falo alguma coisa e só pelo fato de ser mulher é diferente quando o homem fala. Já participei de reunião que eu dava minha opinião, "a gente deveria fazer, assim, assim, assim" e o homem falava a mesma coisa que eu falei e o povo aceitava. Eu tenho aprendido isso, a me valorizar que é uma coisa também que a gente não tem essa formação de se valorizar enquanto mulher, aí eu faço questão de falar: "eu falei exatamente isso que fulano falou, foi essa ideia que eu dei" então, assim, quando a mulher dá uma sugestão, o homem dá à mesma, mas ele é ouvido e a mulher não. Gente isso é terrível, na gestão isso é muito gritante, né?! [...]**

Trecho da entrevista de Creuza – grifos nossos

No meio acadêmico, o patriarcado, paralelamente com as questões sexistas, é demonstrado de formas evidentes, dentro de um contexto do mecanismo de segregação vertical. Como bem evidenciado por Gilda Olinto (2011, p. 69) esse tipo de mecanismo social se apresenta de forma mais “sutil” e “invisível” de maneira a fazer com que “as mulheres se mantenham em posições mais subordinadas”. A nossa entrevistada além de relatar sobre os preconceitos e dificuldades no período da sua formação inicial retrata também que em determinadas situações ao se posicionar, a mesma, deixa de ser ouvida e quando algum homem se posiciona de forma similar as pessoas no geral dão credibilidade e aceitam a ideia e sugestão feita.

Relatos como esses retratam as configurações androcêntricas da ciência e da academia hipervalorizando os argumentos e ações masculinas em uma contrapartida de desqualificação ou pela falta de valorização de posicionamentos e ações das mulheres. Sendo assim, precisaríamos pensar em como desconstruir essas relações de poder e opressão que ainda são evidenciados nos contextos que permeiam a universidade, o nosso meio social e por sua vez, visualizarmos e nos perguntarmos quando as opiniões das mulheres serão levadas em consideração. Outro ponto importante do trecho da diretora do Centro de Formações de Professores nos chamou atenção:

A gente tentar se posicionar e continuar com a mesma meiguice e alegria sem precisar ser grossa para ser ouvida, isso é terrível a gente precisa, era uma coisa também, na gestão estou aprendendo mais. Que ser professora, professora, é muito carinhoso, **eu ouvi muito dos alunos: "pró, a senhora não tem cara de professora de química". "A senhora tem cara de professora de pedagogia, de religião, mas de química,**

não! A senhora não tem cara de professora de química, de jeito nenhum". Justamente por esse jeito, será que para ser professora de química eu preciso ser séria, fechada, dura? Essa parte de ser mulher é muito difícil mesmo, a gente sofre bastante. E na gestão eu percebendo muito isso, às vezes. Você falar e você ter que mudar a postura pra você ser ouvida, né?!

Trecho da entrevista de Creuza – grifos nossos

Nesse trecho continuamos a evidenciar o desconforto por parte da entrevistada ao questionar que para ter voz ativa e aceita necessita se posicionar de maneira grosseira, o que muitas vezes esse tipo de atitude nos é rotulado e muitos tendem a considerar e chamar as mulheres de “pessoas difíceis” ou como bem mencionadas pelo trabalho do Leonardo Moreira, Daniel da Silva e Carmem Menezes (2017) que mulheres que apresentam uma feminilidade diferente do que se esperam “correm o risco de serem lidas como algo ligeiramente diferente de uma mulher “autêntica”.” (MOREIRA, SILVA, MENEZES, 2017, p. 11, *grifos dos autores*). Além disso, outro ponto bastante interessante no trecho é a forma ainda estereotipada que os estudantes têm sobre professoras/professores de química, a nossa entrevistada passou por momentos talvez de constrangimento no momento em que seus estudantes falaram que ela “não tinha cara de professora de química” e ainda mencionaram em quais matérias se enquadrariam no perfil da professora, como as disciplinas de pedagogia e religião.

A partir dessa situação surgem alguns questionamentos: Qual seria a cara de uma professora de Química? Será que não estariam propagando visões deformadas dessa categoria docente? Que identidade seria essa de uma professora de Química? Algo masculinizado? Por que é tão difícil ver/reconhecer a feminilidade em Química? Por que isso ainda persiste? Até quando vamos ficar no discurso de que um químico é um homem, branco, europeu?

De maneira geral, os estudantes tendem a associar de forma estereotipada a figura do cientista e a igualar essas características aos seus professores como um homem, gênio, solitário que vive de jaleco e se encontra dentro de um laboratório (POMBO, LAMBACH, 2017). Essa imagem idealizada só se estabeleceu devido à forma androcêntrica que o conhecimento científico foi apresentado e construído, conforme aponta Londa Schiebinger (2001):

[...] Com respeito a gênero, raça, e muito mais, entretanto, a ciência não é neutra. Desigualdades de gênero, incorporadas nas instituições da ciência, influenciaram o conhecimento saído destas instituições (2001, p. 202).

Não estar no perfil pré-estabelecido, do homem, branco, ocidental, gera questionamentos e dúvidas sobre o profissionalismo e competência das mulheres. E isso reforça ainda mais “[...] os processos que se desenvolvem no ambiente de trabalho que favorecem a ascensão profissional dos homens” (OLINTO, 2011, p.69), o que conhecemos como a segregação vertical nas instituições. Na entrevista de Mara continuamos a perceber esse tipo de visão:

Na graduação por fazer um curso de química, um curso de exatas, e quando você fala em exatas, você já pensa logo em homem, é matemática, é física, você vê logo uma figura masculina, então quando você fala que você está se graduando em química, tá fazendo química, algumas pessoas acham estranho, tem aquela questão “não vai dar certo” “não é para você” então já vem o primeiro desafio. O segundo desafio foi já formada quando eu comecei a trabalhar na área, primeiro por ser empresária hoje, já tá crescendo o número de empresárias no nosso país, mas o grande número é de homens, também nessa área, e quando você traz para essa área de produto de limpeza, às vezes algum fornecedor, alguém que você fala, eles pensam que você é o funcionário e que falar com o patrão e aí eu trago muito disso, as vezes quando vem algum representante da minha loja falar comigo e aí pergunta “mas cadê o seu patrão?”, não, a patroa sou eu mesmo! e aí não querem lidar diretamente comigo achando que eu não tenho a capacidade de gerir uma empresa. É que as vezes é meu marido que fica lá na frente e eles acham que meu marido é o patrão, que é o dono da empresa e na verdade sou eu. Quando eles descobrem que sou eu que sou a empresária, que sou eu que sou a dona do negócio e que ainda mais que sou eu que crio os produtos aí eles acham incrível, uma mulher tá na frente de um negócio, que tá criando, tá fazendo tudo e não ter a influência, por mais que ajude, mas não tem a influência do meu marido.

Trecho da entrevista de Mara – grifos nossos

A participante que a partir da sua formação inicial percebeu e aproveitou a oportunidade de empreender evidenciou que em sua trajetória seu primeiro desafio foi o aceite das pessoas ao saberem que ela estava fazendo um curso em que normalizaram como uma profissão masculina. Gilda Olinto (2011, p. 69) evidenciou que em sua maioria “as mulheres são levadas a fazer escolhas e seguir caminhos marcadamente diferentes daqueles escolhidos ou seguidos pelos homens”, a chamada Segregação Horizontal. Sendo assim, como a participante foi em oposição à normativa social em que algumas profissões devem ser exclusivamente apropriadas e estudadas por homens, ela passou a ser motivo de dúvidas e incertezas para as pessoas a sua volta. Felizmente, esse desafio não impossibilitou a sua conquista e ela se tornou licenciada em química em uma universidade federal do interior da Bahia desconstruindo os preconceitos e as discriminações sofridas.

Atualmente ela ainda sofre discriminações em sua área de atuação ao gerir, produzir e vender seus produtos de limpeza. Como mencionado no trecho os fornecedores dos materiais da “Miss Limpeza” em um primeiro instante não a reconhecem como dona e proprietária do negócio, muitos até acham que seu marido é o principal responsável do negócio. Sthefane Rodrigues e Gleiciane Silva mencionaram:

A liderança feminina é vista como uma mudança de caráter cultural, pois se acredita que as mulheres possuam a mesma capacidade que os homens quando se trata de gestão, mesmo que ainda enfrentem limitações. Hoje, elas têm ocupado cargos que antigamente eram somente para homens, e isso ainda pode gerar conflitos e competitividade entre os gêneros, desvalorização e até mesmo pensamentos machistas. Ainda assim, desde que estejam bem preparadas, trazem um crescimento maior na forma de liderar e na distribuição de tarefas confiada a elas, que são mais fiéis, sinceras e delicadas quanto à execução de suas funções e proporcionam um ambiente de trabalho mais harmonioso (RODRIGUES, SILVA, 2015, p. 9).

Em uma parte do trecho nossa entrevistada menciona: “[...] e ai não querem lidar diretamente comigo achando que eu não tenho a capacidade de gerir uma empresa”. Essa visão diminui uma mulher, a incapacita, desse modo pensamos: O gênero deveria mesmo determinar ou não a “capacidade” de alguém? Se a nossa participante se recusasse a viver isso? Não conseguira os fornecedores? E se ela fosse uma mulher solteira, teria que chamar pais e irmãos? E se ela fosse um homem, não estaria passando por esse apagamento.

No livro “Sejamos todos feministas”, a autora Chimamanda Ngozi Adichie (2014), dialoga situações similares a esse fato, em que o homem deve estar na frente das decisões, ou seja, desde pequenos gestos, como quando uma mulher sai com um amigo ou companheiro, o garçom volta-se apenas para o homem para pedir ou até perguntar para pagar a conta ou com situações maiores, onde a mulher não pode sair sozinha, desacompanhada, principalmente à noite para não sofrer violência. E isso não é exclusividade da Nigéria, país da Chimamanda, o mesmo se repete aqui no Brasil, na Bahia. Apesar da diferença geográfica e cultural, os fatos se repetem continuamente.

Felizmente, os preconceitos por parte dos fornecedores não estagnaram ou impossibilitam o desenvolvimento e trabalho desempenhado pela nossa entrevistada no seu empreendimento. Longe de se amedrontar, Mara vem alcançando espaços no território nacional com cursos e ajudando algumas famílias da própria

comunidade em que reside, atitudes que mostram seu potencial em desenvolver tais atividades ela nos declarou:

[...] Eu criei um perfil nas redes sociais no Instagram e no Facebook e aí eu trago todos os meus produtos, eu apresento todos os meus produtos e além de apresentar o produto eu ensino a fazer. **Com isso de ensinar a fazer eu comecei a dar consultoria.** Então hoje eu tenho um aluno em Minas Gerais em que presto consultoria para ele, eu criei um manual que ensina fazer produtos de limpeza e aí eu presto essa consultoria para ele e presto consultoria para uma moça no Rio Grande do Sul e para uma moça em Fortaleza.

[...] **Hoje eu tenho parceria aqui com a associação de bairros**, o bairro que eu moro aqui na cidade, onde a gente já deu um curso, né?! **Uma oficina ensinando a fazer os produtos de limpeza pra famílias que encontram-se em estados de vulnerabilidade pra poder trazer uma renda para essas família** e a partir daí a gente já trouxe vários outros cursos pra associações, zona rural para pessoas que não conseguem mesmo gerar uma renda, trazer conseguir, nem que seja fazer a Feira no mês. **Então é isso que eu quero para minha empresa, que eu consiga trazer o sustento da família.**

Trechos da entrevista de Mara – grifos nossos

A partir das consultorias e ações de empoderamento de uma comunidade local a nossa entrevistada vem atravessando as barreiras do preconceito e da discriminação. Como a Djamila Ribeiro (2017, p. 21) menciona, existe um olhar colonizador sobre as mulheres: “[...] De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é homem”.

Porém, mesmo com o olhar colonizador, a nossa entrevistada compartilha o seu conhecimento e a sua experiência para possibilitar que outras pessoas, inclusive mulheres, consigam empreender, produzindo também produtos de limpeza de forma caseira. Além disso, as suas ações mobiliza, incentiva e apoia toda uma comunidade que busca meios para obterem uma renda.

Em continuidade, outros trechos das entrevistas trouxeram a ideia dos tipos de segregação que explicitamos nesse tópico. Trechos de duas das quatro pesquisadoras entrevistadas que contemplam características ainda da Segregação Horizontal que irá contribuir para a análise desta pesquisa.

Eu sou única filha, com quatro irmãos, somos cinco, eu sou a única mulher. Então, pra mim, **sempre foi um desafio ser mulher, eu tinha que está sempre ali no confronto direto, tentar ser de igual para igual com os meus irmãos para poder não ficar para trás.**

Trecho da entrevista de Idália– grifos nossos

[...] desacreditar de mim mesma, porque eu passei a vida inteira vendo pessoas ao meu redor, principalmente pessoas da minha família, minhas referências, meio que "o que vai ser dessa menina?" Eu perdi meus pais na infância, então eu fui uma dúvida "o que seria Hanna?" então eu acho que na minha trajetória eu tive que provar sempre que eu era capaz de fazer algo e aí eu acho que a universidade em si, que era o meio de "sair da dependência da minha família" e vou procurar minha carreira. Eu acho que minha maior dificuldade foi essa de acreditar no meu potencial e acreditar na minha capacidade mesmo de desenvolver e provar para outras pessoas.

Trecho da entrevista de Hanna – grifos nossos

A Segregação Horizontal como já mencionado é um termo que evidencia as barreiras enfrentadas pelas mulheres iniciadas logo na infância, especialmente por meio da educação familiar e escolar, que direcionam a escolha das carreiras profissionais de acordo com o gênero (OLINTO, 2011). Sendo assim, encontramos nos trechos acima os indícios desse tipo de segregação nas falas das entrevistadas.

Primeiro a Idália, nos retrata que no seu âmbito familiar pelo fato de ser a única mulher entre os quatro irmãos, existia um “confronto direto” em que ela tentava lutar de igual para igual para poder não ficar para trás. Essa esfera familiar, primeiro espaço de convivência entre os indivíduos, se tornou conflituosa no momento que ela como única do gênero feminino já sofria com o sistema heteronormativo e estereótipos que classifica e hierarquizam pessoas, logo, provavelmente, ela entendia que precisava lutar pelo seu espaço diante a sua condição de única filha, e irmã. Essa situação reforça a ideia da Joan Scott (1985) de que gênero é a primeira forma de significar as relações de poder e ainda podemos perceber no livro da Djamila Ribeiro, que a partir dos seus estudos sobre a Simone Beauvoir, aponta que a mulher apresenta “um papel de submissão que comporta significações hierarquizadas” (RIBEIRO, 2017, p. 27).

Na minha fala, como participante da pesquisa, me vejo no desafio de ser órfã e mulher. Não ter minha rede principal de apoio fez com que muitos questionassem o que seria da minha vida e isso me causou grandes marcas e feridas, desacreditaram de mim e me fizeram desacreditar também do meu potencial. Essa pesquisa me fez refletir e a pensar como fiz na narração da minha história na introdução deste trabalho, se eu fosse homem, as pessoas teriam essas mesmas dúvidas e me subjugaria tanto? Provavelmente criariam mais esperanças, acredito.

Tanto Idália, quanto eu, passamos por desafios na infância relacionados à condição de serem mulheres, ambas seguiram o caminho da docência. Idália com

mais anos de carreira e atuando no Ensino Superior e eu começando minha carreira, me encontrando na educação básica, com titularidades diferentes, mas nos identificamos por sermos PROFESSORAS. E atrelado ao fato de estamos na educação que é uma área com atividades profissionais consideradas “femininas”, voltamos a retratar a segregação horizontal que é um mecanismo que conduz as meninas desde a infância a fazerem atividades profissionais que se enquadram como trabalhos desvalorizados e menos reconhecidos. Vale ressaltar que estudos mostram que nos anos iniciais da educação básica há mais mulheres, a situação se inverte quando pontuamos o Ensino Superior, Cláudia Vianna (2013, p.166) sinalizou:

O forte caráter feminino da docência, na perspectiva da divisão sexual do trabalho, aponta maioria absoluta de mulheres na Educação Infantil com 97,9% de mulheres (97,9% para creches e 96,1% para pré-escolas). O Ensino Fundamental ainda indica a presença majoritária de 82,2% de mulheres, mas aqui com distinções significativas quanto aos anos iniciais (90,8%) e finais (73,5%). Já o Ensino Médio registra 64,1% de mulheres e o Ensino Superior conta com 44,8% de mulheres, incorporadas em diferentes proporções, com alterações importantes da presença feminina tanto na graduação quanto na pós-graduação e também para as áreas disciplinares distintas.

Como visto nas entrevistas, ambas (Idália e eu), entramos na docência por uma questão de identificação e por gostar de ensinar e fazer pesquisa. No entanto, os dados da pesquisa que a Cláudia Vianna (2013) nos apresenta, mostra que nem todas as mulheres conseguem dar continuidade aos seus estudos e a trilharem um caminho que as levem a uma carreira que as direcionem a docência do Ensino Superior e Pós-graduação. Provavelmente as imposições da sociedade patriarcal que nos cobra constantemente que devemos construir família, ter filhos e abrir mão de nossos sonhos e planos podem justificar esses dados que nos foram apresentados e que representa também a Segregação Horizontal.

E para finalizarmos esse tópico não podemos deixar de retratar a fala da professora Creuza que nos explicou como chegou à direção do Centro de Formação de Professores – CFP, a nossa participante apresentou a situação que evidencia a falta de valorização das mulheres durante o período do governo Bolsonaro no Brasil. Creuza se tornou vice-diretora do CFP em uma chapa com o professor Fábio Josué, porém, em 2019, o mesmo foi indicado em terceiro lugar da lista tríplice para ocupar a vaga na reitoria e por interferência do governo, o professor Fábio que se encontrava na referida posição, passou a ser o escolhido pelo presidente, mesmo

sem ter concorrido em consulta pública da comunidade acadêmica. Vale destacar que foi o único homem que estava no documento, e infelizmente a primeira indicada na lista tríplice, eleita pela comunidade acadêmica, professora Georgina Gonçalves, não foi à escolhida, conforme o relato:

Ai eu vim para Amargosa tem 11 anos que estou aqui em Amargosa, quando foi em 2018 eu fui convidada a participar como vice-diretora de uma chapa junto com o reitor, né?! Com o reitor não gente, com o professor Fábio Josué, que hoje é reitor. **O professor Fábio Josué participou da lista tríplice da UFRB em 2019 e ele ficou em terceiro lugar, a lista tríplice pelo CONSUNI, então em primeiro lugar foi Gina que foi a eleita, segundo lugar a professora Tatiana Veloso e terceiro lugar professor Fábio Josué, mas infelizmente o governo escolheu o terceiro lugar que estava na lista tríplice, não escolheu o primeiro que foi a eleita na universidade.**

Trecho da entrevista de Creuza – grifos nossos

Com o ocorrido, professora Creuza assumiu temporariamente a direção e após uma nova eleição, e em uma nova chapa, ela se torna a diretora do CFP. Não desmerecendo ou duvidando da capacidade do atual reitor, no entanto a situação é bastante conflituosa e mais uma vez nos deparamos com atitudes que nos remete a desvalorização de gênero. O fenômeno contra a garantia de direitos das mulheres foi retratado pela pesquisadora Susan Faludi (2001) citada na pesquisa da Bruna Soares Aguiar e Matheus Ribeiro Pereira (2019, p. 11-12, grifos dos autores):

Toda vez que as mulheres parecem ter algum sucesso na sua marcha rumo à igualdade, surge uma inevitável geada atrapalhando o florescimento do feminismo. 'O progresso dos direitos da mulher na nossa cultura, ao contrário de outros tipos de 'progresso', sempre foi estranhamente reversível', observou a estudiosa de literatura americana Ann Douglas. [...] 'Enquanto os homens prosseguem no seu desenvolvimento, construindo sobre tradições "herdadas", escreve a historiadora Dale Spender, 'as mulheres ficam confinadas em ciclos de recomeço'.

Precisamos recomeçar toda vez que somos submetidas às injustiças em que a sociedade nos apresenta. No Brasil, nos últimos quatro anos, passamos por retrocessos quanto aos direitos das mulheres durante o governo Bolsonaro. Direitos esses que estão relacionados às questões sexuais e reprodutivas, a posição adotada sobre gênero, afirmando que gênero diz respeito somente a homem e mulher, além de um não reconhecimento da diversidade sexual e do não-binarismo. Os cenários que tivemos com o antigo governo foram de um total descaso, falta de investimentos e a criação de políticas realmente capazes de assegurar a saúde, proteção e bem-estar das mulheres.

E em reflexo a tudo que passamos tivemos esse ano²⁰, 2023, à situação em que dez deputadas votaram contra o projeto de lei de paridade salarial entre homens e mulheres, sim, dez MULHERES, que defendem o conservadorismo e vão de desencontro com a nossa luta por equidade salarial. Logo, o que aconteceu na UFRB com a indicação da lista tríplice refletiu todo a um contexto de retrocessos aos direitos das mulheres e nos faz entender as atitudes das deputadas. Para a primeira candidata eleita pela comunidade universitária nos resta à solidariedade por não ter conseguido ocupar o cargo que seria seu por direito.

A nossa entrevistada assumiu um cargo de destaque e relevância ao meio social e universitário, mas para isso outra mulher foi injustiçada dentro desse mesmo sistema. Com esse “choque” de realidade partimos para a nossa segunda subcategoria, o *Efeito Camille Claudel*.

O *Efeito Camille Claudel* foi um termo adotado pela pesquisadora Betina Lima que se baseou na história da escultora francesa Camille Claudel para tentar refletir sobre aspectos da relação afetiva, em especial do casamento, que interfere na ascensão nas carreiras das mulheres. Como vimos no nosso referencial teórico, o *Efeito Camille Claudel* se desdobra em três principais aspectos: carreiras encaixadas ofuscamento das mulheres em função do gênero e relação de concorrência.

Na entrevista da Idália conseguimos encontrar indícios desse primeiro aspecto, porém a entrevistada conseguiu evitar a situação de atraso na vida acadêmica:

E isso, também, eu acho que essa vivência familiar me deu forças para encarar todas as dificuldades da vida acadêmica, **porque eu fui para o doutorado com filho** e contratei uma empregada em uma agência de emprego. **Eu fui para uma cidade que eu não conhecia ninguém, eu fui sozinha meu marido ficou aqui. Eu fui para Recife com um filho de dois anos, contratei uma empregada em uma agência de empregos, coloquei ele na escola e ficava o dia inteiro na universidade, muitas mulheres não tem coragem de fazer isso, porque acham que o filho pode sofrer não se sentem seguras, preferem se tiver mais confiança com a mão ou alguma pessoa da família, e eu não tinha ninguém na família.**

Trecho da entrevista de Idália– grifos nossos

²⁰ <https://exame.com/brasil/quem-votou-contra-salarios-iguais-para-mulheres-zambelli-bia-kicis-veja-lista/>

Decisões tomadas em função da manutenção amorosa e familiar tendem a deixar o trabalho mais árduo e difícil. Para mulheres que pretendem seguir a carreira científica, nem sempre conseguem as mesmas oportunidades que a nossa entrevistada teve. Mesmo com as dificuldades em estar longe do marido e ter um filho pequeno ela conseguiu sair do estado e continuar seus estudos, ou melhor, o seu doutoramento. E é justamente nesse aspecto que a Betina Lima (2011, p. 17) pontua:

Doutorados inacabados porque o marido já havia conseguido um emprego no Brasil, não realização de concursos ou de parte da formação (doutorado, pós-doutorado) em outras cidades porque o parceiro já estava estabelecido, realização de doutorado no exterior em sub-áreas de acordo com a escolha do companheiro são alguns dos relatos sobre suas trajetórias profissionais em benefício da relação ou da família. A concepção de “carreiras encaixadas” trata de rupturas e adequações feitas na carreira de um(a) em benefício da união do casal e/ou familiar.

Com a ajuda de uma secretária do lar, a nossa entrevistada conseguiu manter a vida acadêmica com o filho, porém a citação nos faz refletir que são muitos os casos de doutorados inacabados. Também podemos fazer alguns questionamentos: Por que a criança não ficou com o marido enquanto ela foi fazer o doutorado? Qual a ideia que naturaliza o fato de um pai não poder ficar responsável pelo filho assim como a mãe? Como bem destacado por Berlindes Kuchemann e Zilda Pefeilsticker (2012, p. 3-4):

[...] coube às mulheres principalmente a responsabilidade sobre as tarefas reprodutivas, enquanto aos homens foram delegadas as tarefas produtivas, pelas quais passaram a receber uma remuneração. As construções culturais transformaram essa divisão sexual do trabalho em uma especialização “natural”. Além disso, o papel de esposa e mãe foi mistificado: o fato de que as mulheres se dedicassem somente ao lar se transformou em um símbolo de status e gerou-se um culto à domesticidade, no qual a família e o domicílio passaram a ser considerados espaços de afeto e criação a cargo delas.

Historicamente a figura da mulher/mãe é a principal responsável pela provisão dos cuidados com os seus filhos e filhas. Não sabemos quais motivos fizeram a nossa entrevistada levar seu filho e não deixar com o pai enquanto necessitava fazer o doutorado, mas é importante refletirmos sobre as atribuições e atividades que a sociedade impõe para cada gênero.

Em continuidade ao trecho, Idália se conscientiza que nem todas as mulheres conseguem ter o suporte que ela teve ao ir para um local pelo qual não conhecia ninguém, a mesma relatou:

Parece que são 40% de mulheres que formam na pós-graduação e 5% estão atuando nos programas de pós-graduação, mais ou menos isso, uma redução enorme, mas eu vejo muito com os compromissos com a família. Eu digo que a mulher ela precisa... **Precisamos ser muito solidários como todos e com as mulheres, porque as mulheres elas têm muitos afazeres, além da vida acadêmica, tem o cuidado com a casa, se quiser gerar tem tempo limite para ter filhos, então geralmente isso acontece durante a pós-graduação, além com o cuidado com a família, com os pais, com os tios mais idosos. Então tudo isso acaba desviando a mulher da atividade na pesquisa de continuar seguindo essa carreira que é uma carreira que exige muita dedicação, como essa carreira exige muita dedicação e o papel da mulher exige muita dedicação família, aí a mulher fica dividida e acaba ficando na docência e não segue porque a carreira acadêmica é muito exigente, você tem que publicar no mínimo dois artigos por ano, tem que orientar estudantes, tem que escrever projetos [...]**

Trecho da entrevista de Idália– grifos nossos

De acordo com os dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)²¹, em 2021, 54,2% dos estudantes em cursos de pós-graduação *stricto sensu* são mulheres, porém, apenas 34% das mulheres ocupam os cargos de docência nas universidades. Esses dados correspondem ao que conhecemos como “Efeito Tesoura” que remete ao “[...] número de indivíduos em uma área por gênero e o avanço na carreira” (CIABATI, 2020), e nessa situação o número de mulheres tendem a diminuir e o dos homens aumentar, conforme o avanço na carreira, como a docência na pós-graduação. E também ao que conhecemos como “Teto de Vidro” que corresponde aos: “[...] processos que se desenvolvem no ambiente de trabalho que favorecem a ascensão profissional dos homens” (OLINTO, 2011, p.69).

Já mencionamos em outro momento da dissertação, mas os motivos atrelados às dificuldades que as mulheres encontram na progressão de carreira estão das imposições que a sociedade confere as mesmas, principalmente para cuidar dos afazeres domésticos, construir família e cuidar dos maridos e filhos. Lídia Gomes (2020, p. 22) evidenciou em sua pesquisa:

A vivência da maternidade na vida de mulheres que fazem carreira no contexto acadêmico traz uma série de dificuldades, especialmente aquelas relacionadas ao preconceito de gênero e ao processo de conciliação entre maternidade e vida acadêmica, o que já não ocorre entre os homens, que tendem a ascender mais rapidamente, quando “casados e com filhos”.

²¹ <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/pos-graduacao-brasileira-tem-maioria-feminina>

Assim, para além da solidariedade, mencionada pela nossa entrevistada, precisamos tentar reconstruir a Ciência de maneira a atender todas as questões atreladas as dificuldades das mulheres em progredirem academicamente do jeito que se deseja e não apenas o que se consegue fazer diante as dificuldades principalmente relacionadas ao casamento e a família. Como refletiu Jocieli Decol (2022, p. 78): “não é suficiente apenas à inclusão de mulheres no espaço científico, é preciso uma transformação da base epistêmica e da estrutura social que sustentam a ciência dominante”, em uma transformação que para a autora parte de um comprometimento com a justiça social que perpassa os muros da academia. É importante pontuar a importância de políticas públicas nesse sentido, pensadas a partir de situações que muitas mulheres passam. Por exemplo, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, prorrogou a vigência de bolsas por até 120 dias, em casos de parto, adoção e guarda judicial, políticas públicas que agregam pesquisadoras, com potencial, mas também são mães.

Creuza também fez um relato que demonstra o quanto às questões afetivas e conjugais interferem na carreira das mulheres:

[...] imagine se eu tivesse casado com uma pessoa bem autoritária que não aceitasse que eu continuasse a carreira, ele me incentivou muito, muito mesmo, **se eu tivesse com um esposo bem autoritário e machista eu não tinha continuado a carreira,** ele me incentivava bastante, bastante mesmo. Eu consegui tudo por causa disso, e ele suportava as ausências, que estudar, trabalhar, ser dona de casa, mãe, é muita ausência e ele me incentivava bastante.

Trecho da entrevista de Creuza – grifos nossos

Este relato é muito importante também pela consciência da nossa entrevistada, com convicção ela relata que se tivesse casado com um homem autoritário e machista não conseguiria dar seguimento a sua carreira. As suas ausências que surgiram advindas do estudo e trabalho foram alguns desafios da sua trajetória, mas que pela compreensão do seu companheiro ela vem conseguindo superar tais dificuldades. Outro fator familiar também veio a prejudicar o andamento do seu desenvolvimento acadêmico, a entrevistada relata:

[...] na vida pessoal, eu larguei tudo em Jequié, venho para Amargosa iniciar do zero, zero, e eu estava em uma universidade nova aqui em Amargosa, estava mudando toda minha vida, meu esposo, meu filho, sair do trabalho e vim pra cá e aí aconteceu uma coisa que eu não esperava de jeito nenhum que foi perder minha mãe, foi o pior, né?! Foi perder minha mãe, porque minha mãe... foi menos de um mês, ela adoeceu assim e morreu e eu não esperava aquilo, me abalou muito, muito, muito, muito, mesmo. Eu dava aula aqui, assim, aérea, lembrando dela e

engraçado que ela era de Santo Antônio, ela era dessa região, então ela sonhou em vim comigo, aí pronto, me marcou muito, muito, muito mesmo, essa questão da perda da minha mãe, mas só que lembrava dos ensinamentos dela, de não desistir, de continuar e continuava. **Aí assim, na licenciatura eu fui estudante regular, nunca fui reprovada em nenhuma disciplina, terminei o curso na época certa, no mestrado também. Aí no doutorado que não conseguia vocês imaginam?! Como eu ficava péssima, péssima mesmo. E nesse período aí, mudanças de trabalho, mudanças de cidade, né?! E perdi minha mãe, aí meu filho se separou, fui vó, meu filho casou de novo, foi muitos acontecimentosao mesmo tempo, acabou abalando bastante o meu doutorado [...]**

Trecho da entrevista de Creuza – grifos nossos

A morte da mãe da nossa entrevistada, juntamente com outras situações familiares prejudicou o andamento do seu doutorado, tornando-o “mais árduo o trabalho de acumulação de capital científico e, portanto, a obtenção de reconhecimento e prestígio acadêmico” (LIMA, 2011, p.17). Logo, compreendemos a complexidade da vida da entrevistada que por mais comprometida com suas demandas acadêmicas e profissionais, além do apoio mútuo do seu companheiro, ainda passou por situações que mexeu com as suas emoções interferindo no desenvolvimento da sua pesquisa de doutorado.

Apresento também um relato importante da minha formação inicial. Ficar meses sem a presença da minha família foi um desafio e tive que amenizar a ausência por meio de muito estudo e foco, e acredito que esse fator interfere academicamente na vida dos estudantes que ficam sem sua rede de apoio familiar, em meu relato menciono:

Ficar longe da minha família também foi um desafio, né?! Porque eu passava os quatro meses do semestre longe de casa, longe de todo mundo, então eu tinha que me apegar às pessoas, os meus amigos, os meus vizinhos, você encarar a universidade distante também foi um desafio muito grande.

Trecho da entrevista de Hanna – grifos nossos

Superei, porém, poderia ter desistido de lutar pela minha graduação. Entendo que passar psicologicamente bem por esse processo e lidar com ausências, principalmente familiares, fazem com que muitas mulheres deixem de caminhar em busca de seus sonhos. Por estar aqui continuando e fazendo história como futura primeira mestra da família me faz ter a certeza de que tudo que passei valeu a pena. Mas respeito e me solidarizo com outras colegas que abandonaram suas vidas acadêmicas para estarem perto dos seus cônjuges e da família.

Finalizamos essa primeira etapa da análise de dados e partimos para o segundo tópico que nos remete relacionar as falas das entrevistadas com os preconceitos e discriminações de Gênero e Raça.

Minha alma não tem cor, ela é colorida, multicolor.

Dentre as entrevistas, professora Idália Helena, conseguiu retratar a questão de Gênero e Raça. A participante nos apresenta falas potentes que repercutem a consciência de ocupar o lugar que ela ocupa, sem deixar de perceber que poucas são as mulheres negras que conseguiram estar nesse mesmo espaço:

No doutorado que eu me entendi como negra, como uma mulher que precisava **entender essas questões e falar sobre isso, porque apesar de estar no doutorado eu era única "onde estão minhas outras colegas?"** "minhas colegas de ginásio, as minhas colegas da escola técnica". **Muitas foram para o mercado de trabalho e outras nem chegaram no ensino médio, porque casaram cedo, tiveram filho cedo, porque não tinha um apoio familiar, precisava trabalhar logo, aí realmente essa foi a diferença.** E quando foi no doutorado eu estava assistindo uma palestra e o coordenador falou do resgate, que é preciso e que o país deve o resgate importante para a população negra por ter nos colocado, a abolição ter acontecido como o processo que foi, sem nenhum direito, direito a terra, nem direito a educação, nem direito a frequentar igreja, nem escola, aí foi a que eu fui me dar conta de que eu tinha tido muito privilégio, por ter aquele casal de pais, determinados a fazer com que os filhos crescem através da educação, isso foi importantíssimo.

Trecho da entrevista de Idália– grifos nossos

Carla Akotirene (2019, p. 24) afirma que:

A interseccionalidade permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem.

Sendo assim, o que percebemos nesse fragmento da entrevista é o momento que professora Idália se “desperta” e começa a ter um olhar crítico a essa subordinação que a Akotirene menciona. Como a entrevistada disse, foi no doutorado que ela se entendeu como negra, no momento em que ela se viu como única no meio acadêmico e se questiona: onde estão minhas outras colegas?

A pesquisa da Viviane Weschenfelder e Elí Fabris (2019, p. 3) aborda o conceito de negritude que justamente vem de encontro com o “despertar” da nossa entrevistada, as autoras mencionam:

[...] entendemos a negritude como um espaço que compreende as narrativas assumidas pelos indivíduos que se reconhecem como negros, as dinâmicas presentes nas práticas discriminatórias, as políticas antirracismo, os tensionamentos que atravessam as relações étnico-raciais e, de modo

geral, todos os movimentos que envolvem as populações negras na Contemporaneidade. A negritude também pode produzir ideologias, construir mitos fundacionistas remetidos a uma única origem, com o intuito de reverter séculos de invisibilidade histórica e baixa estima. Tudo isso faz parte do jogo de relações que se tornam possíveis através do fortalecimento de uma identidade negra. A negritude, assim, funciona como um conjunto de discursos que operam em diferentes linhas de frente, produzindo regimes de verdade e processos de subjetivação.

A negritude seria a dinâmica a partir das narrativas pessoais nas quais as pessoas se afirmam como negras dentro de uma “subjetivação identitária”, ou seja em perceber-se como sujeito negro. No caso da mulher negra, em específico, é “[...] um processo de aprendizagem que é atribuído a outras mulheres e à participação nos movimentos sociais” (WESCHENFELDER, FABRIS, 2019, p.8). Em vista disso, nossa entrevistada começa a enxergar às injustiças atreladas as questões de raça e a tratar da abolição, momento este em que os negros não tiveram proteção e amparo do Estado. Em um artigo em 1933, um veículo da informação, o *Jornal A Voz da Raça*²² descreveu tal acontecimento:

Depois dessa fase de sofrimento, o negro se viu com as pernas e os braços livres, porém lhe faltou a iniciativa, porque esta havia sido tirada pelas correntes mentais (sic.) de pessoas que lhes concederam o desenvolvimento necessário ao labor da vida de perspectiva própria [...]. Desse modo, ficou o negro se batendo no seu território, nu, sem dinheiro, sem lar e sem o conforto material para sua manutenção (CAMPOS, 1933, p.1).

Essa citação nos remete lembrar também que tivemos algumas leis provinciais, que excluíram as pessoas negras de se inserirem na sociedade, como a Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837 em que os escravos e pretos africanos, ainda que “libertos” não podiam frequentar a escola. E a Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, Lei de Terras, que impedia que os negros pudessem ter terras.

Dessa forma, a criticidade que a interseccionalidade proporciona fez com que a nossa entrevistada, mesmo que tarde, tivesse consciência das oportunidades que teve em sua vida diante a toda a exclusão social que os negros tiveram. No entanto é válido pensar que na época em que nossa entrevistada começa a vida acadêmica as dificuldades eram maiores, não existia políticas públicas e o acesso ao Ensino Superior era bem mais restrito e elitizado, porém como a mesma citou a família foi primordial para que ela conseguisse chegar aonde chegou. Temos avançado em

²² A Voz da Raça, São Paulo, 11/11/1933. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/voz-raca/845027>.

relação ao acesso as universidades, claro que falta muito, mas atualmente, graças a essas políticas públicas, outras meninas/mulheres negras têm adentrado em espaços antes apenas para uma minoria bem restrita.

Essa conscientização também faz parte do feminismo negro, onde se pretende “romper com a cisão criada numa sociedade desigual” (AKOTIRENE, 2019, p.11) de modo a pensar em “marcos civilizatórios” capazes de criar um novo modelo de sociedade e não apenas uma utopia. Em outro trecho da entrevista Idália retorna a se questionar: “Cadê, minhas colegas?”, mas agora trazendo mais um conceito importante difundido pelo feminismo negro, *o lugar de fala*. A nossa participante diz:

[...] hoje de manhã eu assisti a notícia de um neurocirurgião, primeiro negro cirurgião negro, o único neurocirurgião negro no Rio de Janeiro, tá com 75, se aposentando e ele falando sobre isso, "nós somos poucos". Eu olho para trás e digo: "cadê, minhas colegas?" eu digo que eu preciso realmente falar, isso é uma diferença. Então a Djamila Ribeiro fala do "lugar de fala", ela se refere ao lugar de fala como: "você precisa ter experiência, pelo menos se posicionar" no lugar dessa outra mulher. Eu tive privilégios, graças a Deus, mas eu sei e reconheço que nem todas as famílias têm o privilégio que eu tive que a gente precisa acolher. Acolher essas pessoas, as meninas e os jovens de periferia de baixa renda, que a maioria é negro e negra pra seguir a carreira e dizer: "vamos, vamos que vale a pena".

Trecho da entrevista de Idália— grifos nossos

O conceito de lugar de fala é muito mais amplo e não pode ser entendido de uma forma individualizada, Djamila (2017, p. 37-38) pontuou:

[...] Como explica Collins, a experiência de fulana importa, sem dúvida, mas o foco é justamente tentar entender as condições sociais que constituem o grupo do qual fulana faz parte e quais são as experiências que essa pessoa compartilha ainda como grupo. Reduzir a teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala somente às vivências seria um grande erro, pois aqui existe um estudo sobre como as opressões estruturais impedem que indivíduos de certos grupos tenham direito a fala, à humanidade. O fato de uma pessoa ser negra não significa que ela saberá refletir crítica e filosoficamente sobre as consequências do racismo. Inclusive, ela até poderá dizer que nunca sentiu racismo, que sua vivência não comporta ou que ela nunca passou por isso. E, sabemos o quanto alguns grupos adoram fazer uso dessas pessoas. Mas o fato dessa pessoa dizer que não sentiu racismo, não faz com que, por conta de sua localização social, ela não tenha tido menos oportunidades e direitos. A discussão é, sobretudo estrutural e não “pós-moderna” como os acusadores dessa teoria gostam de afirmar [...].

No trecho apresentado, Idália se reconhece como privilegiada e mesmo sem ter passado por algumas vivências que provavelmente outras mulheres negras tenham passado ela se conscientiza desse fato e estimula na condição de professora outras meninas e mulheres não desistirem dos seus sonhos. É como enfatizou a própria Djamila (2017, p. 84) no final do livro: “[...] falar a partir de

lugares, é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem”, e é exatamente isso que a nossa participante está tentando fazer, reconhecendo a legitimidade do *lugar de fala* do outro. Em continuidade temos outro trecho da entrevista da Idália que nos remete a outras reflexões:

Nós temos o que?!... Vamos citar duas reitoras nessa universidade ao longo de mais de 40 anos, uma reitora que foi a professora Ivete Sacramento que foi a primeira Reitora negra que instituiu as cotas, isso foi em 96 a 2000 e agora em 2022, a segunda reitora negra. Então, isso é evidente que existe, existe claro uma discriminação da mulher e a mulher negra muito mais, primeiro porque somos poucos e segundo porque tem esse famoso "perfil", acha que a mulher não se encaixa ao perfil, costume dizer assim: "se eu estou de salto alto eu sou arrogante, a mulher branca de salto alto é muito elegante", "se eu uso um perfume francês, é um perfume enjoado, se é uma mulher branca, como ela está cheirosa" então isso é muito evidente, só que não, não demonstram, tem muitas ações que são sutis, não são evidentes, mas aqui na academia eu já sofri alguns momentos de racismo.

Trecho da entrevista de Idália– grifos nossos

Nesse trecho percebemos a indignação da nossa entrevistada ao relembrar que ao longo dos 40 anos da Universidade do Estado da Bahia – UNEB apenas duas mulheres negras ocuparam a reitoria da instituição, além disso, passaram-se 26 anos de diferença da primeira reitora negra para a atual. Importante destacar no trecho a percepção que a Idália tem ao tratar da discriminação que a mulher, e especificamente a mulher negra sofre ao dizer: “[...] porque somos poucos e segundo porque tem esse famoso "perfil", acha que a mulher não se encaixa ao perfil” e ainda cita as comparações que a sociedade costuma fazer entre as mulheres negras e brancas ao retratar: "se eu estou de salto alto eu sou arrogante, a mulher branca de salto alto é muito elegante", "se eu uso um perfume francês, é um perfume enjoado, se é uma mulher branca, como ela está cheirosa". Suelí Carneiro (2011, p. 127) refletiu:

[...] Constata-se que a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima; em uma expectativa menor, em cinco anos, em relação à das mulheres brancas; em um menor índice de casamentos; e sobretudo no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração”.

Provavelmente a comparação que Idália apresenta na sua entrevista perpassa por esse rebaixamento de autoestima e também a ocupações de menor prestígio das mulheres negras, como as ocupações de mulheres negras na reitoria

da universidade. O trabalho de Silvio Almeida (2018, p. 27-28) ainda explica o porquê das reitorias das universidades possuírem uma maior ocupação de homens brancos:

Depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaço em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos.

Tais fatores e regras que para o Silvio Almeida (2018) estão nos parâmetros discriminatórios baseados na raça e em padrões estéticos que podem explicar a ausência de mulheres negras na reitoria pela qual a nossa participante mencionou. Nossa entrevistada ainda fez outros relatos de discriminações raciais sofridas por ela na academia:

O pai dos meus filhos é argentino de Buenos Aires e quando meu filho nasceu, fomos apresentar a criança aos parentes em Buenos Aires, viajei com ele. Na volta uma colega minha chegou e falou assim: "como você foi tratada em Buenos Aires, sendo assim diferente?" e eu fiz assim: "você tá sendo racista" "lá eu fui tratada muito melhor do que você me trata aqui". Os parentes dele me trataram muito bem e meu filho é bem galego, chamava atenção, né?! E eu com aquele "bebezão", cabelo loiro, enroladinho, chamando atenção. "Tira foto comigo", "que menino lindo", "como você é elegante" eles adoram os baianos e eu passei isso aqui na UNEB.

Trecho da entrevista de Idália– grifos nossos

Por que Idália deveria ser tratada diferente? Sem dúvidas o comentário da colega da nossa entrevistada foi racista. Imaginamos também que o comentário poderia ter sido gerado já que historicamente “a condição de amas-de-leite, mucamas e babás deixou marcas profundas na história familiar da sociedade brasileira” (QUINTAS, 2009, p. 35) e infelizmente resquícios desse passado refletem até hoje, e mesmo sem as certezas do real sentido do comentário racista, acreditamos que ele pode ter surgido pelo fato também do filho da Idália ser branco.

Além disso, nossa participante menciona atitudes racistas cometidos por colegas de trabalho e estudantes que de forma direta ou apresentando comentários racistas nas “entre linhas” não deixaram de passar despercebidos por Idália. A mesma menciona:

Recentemente uma aluna por conta da disponibilidade do laboratório a menina estava no meu caminho, achando que eu não tinha direito de estar naquele laboratório e me chamou de "alma negra" e eu disse: "que eu não tinha 'alma negra', eu sou toda negra" e a alma não tem cor e eu citei a música de Chico Cezar: "minha alma não tem cor, ela é colorida, é multicolor", mas a menina veio com isso. E veio outra menina, uma técnica ela foi transferida porque uma questão política de forma

antagônica aos colegas, até porque eu não posso ser de direita, né?! Tem que pensar no povo, tem que pensar nas minorias e aí eu tinha um condito diferente da maioria dos meus colegas, então criou-se uma certa rivalidade e uma técnica administrativa subiu pra mim assim, me ofendeu, me gritou, só faltou me xingar, eu digo fale, eu queria que ela citasse a questão da negritude, ela não citou, mas eu escrevi, relatei o fato e como consequência ela foi transferida daqui. Mas algumas pessoas se sentem no direito de colocar um processo contra mim e eu digo "porque contra mim?" Fica claro, isso está nas entre linhas. Semestre passado, no final de 2020 eu recebi um processo da turma, a turma colocou um processo, me acusando de vários absurdos, inclusive acadêmicos, dizendo que eu tinha cobrado assuntos que eu não dei, que eu tinha prejudicado a turma, querendo realmente prejudicar a minha imagem enquanto professora, eu tive que me defender. Eles pegaram as provas e levantaram questão por questão dizendo "essa questão está correta" "essa daqui ela cobrou assunto que não deveria" aí eu pedi a um colega meu de Recife, outro fora daqui, para responder e mostrar que não, que os assuntos estavam de acordo. E tem professores que são agressivos, tem professores que são descuidados, que não dão o conteúdo todo e porque esses professores não recebem processo? Por que jogou o processo em cima da professora, Idália? Alguma coisa deve ser e eu só vejo por essa forma, pela questão étnica, pela questão racial, mas não me derruba, pelo contrário me fortalece.

Trecho da entrevista de Idália– grifos nossos

O racismo institucional foi manifestado de diversas formas dentro da UNEB, a partir da narrativa de Idália, seja pela posição e presença da nossa entrevistada no cargo em que ocupa, seja por defender de forma contrária a pensamentos e atitudes de pessoas que se apoiam em bases excludentes e discriminatórias. Maria Ribeiro (2001, p. 122) salienta sobre o enfrentamento constate dos negros (a):

Vivem em estado de alerta para se defenderem, ou identificam na ação do outro, atitudes preconceituosas que lhes possam causar constrangimento, ou mesmo alijamento de seus direitos. O/A professor/a negro/a coloca, como peça fundamental no jogo, a competência que tem, o principal capital de luta pela permanência ou pela possibilidade de conquistar novos espaços para uma ação política mais efetiva a favor do seu grupo étnico ou pela projeção individual.

A nossa entrevistada passou então a se posicionar e falar sobre as questões étnico-raciais, como podemos perceber no próximo trecho. Idália relata:

E por isso que eu comecei a falar sobre essa questão, depois que essa menina fez essa acusação que eu sou alma negra eu fiz assim, eu vou ter que me posicionar enquanto negra, porque eu estava mesmo que dentro das quatro paredes. Eu orientava meninas negras, eu falava das questões de negritude e dizia não fale fora daqui, porque eu estava sendo perseguida, eu fui muito perseguida. Por que muitas professoras não foram a favor das cotas, aí que começou a diferença política, muitas professoras, eu vi o processo, o projeto, elas elaboraram um trabalho pra dizer que as cotas iria diminuir a qualidade o nível dos estudantes, o nível do curso, minha gente as pessoas pensam dessa forma. Eu fiquei pasma eu tinha voltado do doutorado, onde eu me tornei negra, vi que era necessário discutir essas questões e aí eu já comecei a me posicionar diferente, claro. Não existe isso,

muito pelo contrário, os jovens negros de periferia, que vem da escola pública, que entram aqui, eles são guerreiros, eles são vencedores, eles conseguiram ultrapassar todas as dificuldades da baixa qualidade de ensino da escola pública, muitas vezes estudam sozinhos, procuram iniciativas públicas e iniciativas sociais pra estudar, entrar na universidade, entrar na universidade pública não é fácil e muitas vezes o estudante de escola pública que a maioria é negro entra e tem um desempenho melhor do que outros da escola particular, eles tem um perfil diferenciado, são meninos muito melhores, eles melhoraram o nível do curso e coloriram a minha universidade, graças a Deus que venham mais, professores negros só temos três.

Trecho da entrevista de Idália– grifos nossos

Além de expor sua nova postura e comprometimento em tratar sobre as questões étnico-raciais em suas aulas e orientações, nossa entrevistada relatou o fato de que algumas professoras da instituição não foram a favor das cotas. Nossa participante retratou que essas professoras propuseram um projeto que dizia que com as cotas o nível da qualidade dos estudantes iria diminuir e com isso as divergências políticas e perseguições começaram a acontecer ao ponto de levar nossa participante a não permitir que suas estudantes mencionassem as conversas e falas sobre negritude para fora do ambiente de orientação.

Os avanços legais em torno das ações afirmativas de cunho étnico-racial, como as cotas, favoreceram também para o surgimento de mecanismos de pessoas dentro das instituições com o intuito de “burlar” a legislação e manifestam as “faces do racismo estrutural e do seu correlato, o racismo institucional” (COUTINHO; ARRUDA, 2022, p. 12). Porém, os acontecimentos e fatos não amedrontaram a nossa pesquisadora Idália, e ano passado a mesma foi parabenizada pelo Departamento de Química da UNEB por sua atuação enquanto mulher negra e por desenvolver trabalhos e projetos que contemplam as questões de gênero e raça:

[...] Agora, esse ano, no dia da mulher é "parabéns, pela sua atuação enquanto mulher negra, defender as questões da mulher no nosso departamento", aqui o departamento de ciências exatas, não tocava nesse assunto, aí eu falei gente, a gente precisa falar sobre isso. Porque nós também somos mulheres, eu que sou negra, preciso falar dessa questão de negritude e isso foi na pesquisa, é assim, as coisas vão acontecendo, vão se desenrolando e agora eu tenho meu primeiro projeto 'afrocentrado' que é ensino de química 'afrocentrado' com outro amigo negro, professor do estado com estudantes de ensino médio.

Trecho da entrevista de Idália– grifos nossos

Diante desse trecho, surge outro questionamento: Por que a Química (Ciências Exatas) não podem/devem debater sobre o Racismo e a questão da mulher negra? Por sermos considerados da área de Ciências Exatas, a pauta sobre

racismo, preconceitos e outros temas sociais não são considerados nessa área do conhecimento, pois argumentam que isso não nos cabe, que o nosso foco de estudo é outro que não seja a questão social (Ciências Sociais). Chassot (2004) frisou algo importante, o Ensino de Química, necessita oferecer efetiva consciência de cidadania e pensamento crítico, logo as questões étnico-raciais e questões de gênero e raça devem ser divulgadas e discutidas nas Ciências Exatas.

O fato mencionado por nossa entrevistada pode parecer simples, mas diante todos os preconceitos sofridos, essa atitude do Departamento de Ciências Exatas em parabenizá-la tem um grande significado. Suas batalhas e o lugar em que ocupa mostram o tamanho da representatividade dessa mulher. O nosso próximo tópico de análise é justamente a Representatividade.

Essa parte de ser mulher é muito difícil mesmo, a gente sofre bastante.

Por meio do trabalho da Olívia Souza (2021), entendemos que a representatividade é um processo que se dá pelos “sentidos plurais” que são definidos: 1) ter uma representação (a presença); 2) ter um número que signifique efetivamente mudanças; 3) ser uma presença multidimensional e 4) contar histórias diversas. Pela história de vida das nossas participantes e o local profissional que todas ocupam, podemos dizer que é contemplado o primeiro sentido, que é a presença. A presença no campo administrativo, a presença no trabalho de bancada, a presença no mercado empreendedor e a presença em sala de aula, todas as presenças nos mostra o quanto podemos dentro de uma mesma profissão ser diversas e abraçar várias ocupações, se assim for o nosso desejo. Por outro lado, para as oportunidades surgirem, já que podemos considerar que a meritocracia escolar e acadêmica são “[...] um dos principais mecanismos dentro do sistema capitalista que ajuda a perpetuar e legitimar as desigualdades sociais impostas por esse sistema” (SOARES; BACZINSKI, 2018, p. 37), indicam que nem todas conseguem avançar academicamente e profissionalmente como desejam.

Talvez não estejamos em grandes quantidades, mas só o fato de estarmos nessas posições e agora nos apresentado para o mundo com o documentário podemos dizer que temos mais uma possibilidade para mudanças. Mudanças nas convicções, mudanças no querer, mudanças de pensamentos, podemos ser a mudança que as outras meninas e mulheres possam estar esperando para também

mudar de vida, ter oportunidade e não ficarem apenas no desejo. Estarmos em ocupações diversas também nos mostra o quanto a nossa presença e existência é ampla e multidimensional, e com o documentário contamos as mais diversas histórias que representam as nossas vidas e lutas, **SOMOS REPRESENTATIVIDADE!**

Retiramos alguns trechos das entrevistas em que nossas participantes retratam a potência de ser quem são. Dentre os relatos, destacamos:

Reconheço que eu não imaginaria onde eu iria chegar e digo assim: “ainda nem sei, ainda quero mais”, mas **ser professora da universidade, com doutorado, pós-doc, tá orientando, realmente são conquistas que eu não pensei, mas faz parte da carreira acadêmica pra quem não para, pra quem não desiste e isso é muito recompensador, vale a pena.**

Trecho da entrevista de Idália – grifos nossos

[...] A menina que trabalha como minha secretária, diz: “olha Creuza, eu já trabalhei em vários setores aqui na universidade”, ela já trabalhou no setor de transporte e administrativo, ela disse assim: “trabalhando contigo, eu tenho um maior prazer de vim pra cá, é o local que eu mais gostei de trabalhar [...]”

Então assim, eu espero que eu tenha deixado... **Que eu deixe um legado de formação de luta mesmo, que a gente incentive as mulheres a participar como pesquisadora, como química, como física, como matemática, como qualquer área de exatas né?! E humanas também, não só nas exatas, mas nas humanas também as mulheres são criticadas, sofrem preconceitos também, todas as áreas.**

Trecho da entrevista de Creuza – grifos nossos

[...] o que eu espero pra “Miss limpeza”, além do reconhecimento das pessoas, trazer o conhecimento da química e de como você faz os produtos de limpeza para poder gerar emprego e renda na cidade [...]

Trecho da entrevista de Mara – grifos nossos

Como eu só tive professores de química, homens eu não sei se essas meninas tiveram apenas eu, como professora mulher. Eu acho que eu posso sim ser uma referência para elas, como mulher, química, nessa área de exatas onde é tão masculina.

Trecho da entrevista de Hanna – grifos nossos

Estar com a maior titularidade acadêmica, fazendo pesquisa do jeito que se gosta e ama, além de ter um projeto afrocentrado dentro do departamento de Ciências Exatas e Naturais é uma forma de ser representatividade, se perceber

como um dos motivos de encorajamento profissional de outras colegas é representatividade. Esperar reconhecimento de uma marca de limpeza e gerar conhecimento, emprego e renda são formas de ser representatividade, e estar dentro da sala de aula, desmistificando estereótipos masculinos, é uma forma de representatividade.

Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21) afirmou que: "[...] A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca [...]", logo, a história de vida, luta dessas mulheres impulsionam os nossos sentidos e emoções para lugares muito particulares e que só as mulheres podem sentir na pele. Orgulho, tristeza, raiva, repúdio das mais diversas situações comentadas, além do sentimento de gratidão por encontrarmos mulheres que seguiram suas carreiras e optaram por não desistir. Não desistiram mesmo vivenciando machismos, conflitos e abusos. Não desistiram por serem fiéis a sua essência, por conta da família, por lembrança dos pais e pela fé.

A análise das entrevistas perpassa as linhas deste capítulo 3, compilamos aqui as partes que conversavam mais diretamente com o referencial teórico adotado, mas a potência de conteúdo do material ficará disponível para que muitas pessoas possam usufruir e utilizar em suas aulas, eventos, palestras, enfim, nos lugares que se discutam as questões de gênero, raça e representatividade.

Pós-produção



"Meus passos finais
para conclusão da
obra"

Diante do que foi apresentado o intuito da nossa pesquisa foi trazer a cena o feminino, ou melhor, as reflexões sobre as questões de gênero na ciência/química atrelado as de raça e representatividade. Inicialmente, precisaríamos responder o questionamento que fizemos no título do nosso trabalho: ONDE ESTÃO AS MULHERES TRABALHADORAS E PESQUISADORAS EM QUÍMICA?

Nesta pesquisa apresentamos quatro espaços de trabalho das pesquisadoras e trabalhadoras em Química. Nesses espaços encontramos/relatamos sobre quatro possibilidades de lugares ocupados por elas. Uma professora/pesquisadora que se encontra no âmbito administrativo, dirigindo um Centro de Formação de Professores em uma Universidade Federal. Outra pesquisadora/professora que desenvolve suas aulas e pesquisa dentro da sala de aula e laboratórios em uma Universidade Estadual. Uma empreendedora de produtos de limpeza que usufrui do conhecimento da formação inicial para produzir e vender sua linha de produtos, o *Miss Limpeza*, além de ensinar por meio de consultorias presenciais e online a produzirem também esses produtos e oportunidade de geração de renda para a população mais vulnerável ao se entorno. E, por fim, a professora e pesquisadora em formação, desenvolvedora desta pesquisa que atua na educação básica estadual de ensino.

Dos variados espaços de ocupação dessas mulheres voltamos à pergunta de investigação da pesquisa: Como as narrativas de mulheres trabalhadoras/pesquisadoras em Química podem produzir efeitos afetivos e de representatividade? As narrativas aqui apresentadas retrataram a vida e vivências escolhidas de cada participante para darem sentido à vida pessoal e profissional. Porém, dentro desse contexto, percebemos em seus depoimentos as relações de poder e discriminações que muitas pessoas enfrentam por serem mulheres e por serem negras. Logo, é de se esperar que as entrevistas contidas nos episódios do nosso documentário, produto da pós-graduação, cause efeitos afetivos e sensibilizem não só mulheres, mas todos aqueles que reconhecem e combatem a estrutura machista, misógina, patriarcal e racista da nossa sociedade.

Os nossos referenciais teóricos foram fundamentais para que por meio das narrativas apresentadas compreendêssemos os atravessamentos decorrentes de gênero e raça vivenciados por nossas participantes. Mesmo sendo narrativas individuais elas se interligam e nos esclarecem situações corriqueiras pelas quais nós mulheres vivenciamos e somos mais propícias a sofrer e sentir.

Como vimos à presença apenas não é o suficiente para que haja a Representatividade, as pessoas devem contar suas histórias e se apresentar para o mundo ocupando seus diversos lugares como mãe, esposa, profissional, pesquisadora, enfim, tudo que mostramos nas entrevistas que compõem os episódios do documentário. Este mesmo que servirá como produto educacional e ficará disponível no site PEQui e no Youtube para que outras pessoas tenham acesso e busquem promover as reflexões que abordamos neste trabalho e outras reflexões que possam surgir.

Como o tema é amplo e complexo fizemos um recorte e selecionamos trechos que mais dialogavam com os referenciais teóricos e que se tornaram fundamentais para a análise da nossa investigação e estão nas linhas do nosso último capítulo. Além disso, vale salientar que a disponibilidade e tempo das participantes e da equipe de produção foram essenciais para a construção do nosso produto e finalização da pós-graduação.

Acreditamos que o documentário apresenta grande potencial, devido às possibilidades de trabalhar com diferentes abordagens e lugares. O mesmo se apresenta como uma excelente ferramenta, principalmente se for explorado dentro da formação inicial para engajar novos futuros professores a utilizarem do recurso audiovisual, o documentário, e abrir discussões referentes a gênero, raça e representatividade na academia, pois precisamos desmistificar e melhorar o ensino de Química com novas provocações e debates a fim de promovermos a justiça social que almejamos. Ademais, o documentário pode tencionar a importância de debates sobre gênero, raça e representatividades nas Ciências Naturais/Exatas e ressoar a relevância de políticas públicas para as mulheres na academia.

Para finalizar, gostaria de destacar que essa pesquisa, me proporcionou conhecer histórias que atravessaram meu íntimo e me fizeram acreditar no potencial social que esse trabalho pode desenvolver. Emocionei-me com os relatos durante as entrevistas, na edição do documentário, na transcrição dos trechos, na reta final da escrita da dissertação.

Os relatos aqui apresentados são manifestações pela luta de igualdade e respeito de gênero “para e por” nós mulheres, que passamos constantemente por preconceitos, assédios, desvalorização profissional, acadêmica e sentimos na pele todas as mazelas do sistema patriarcal. Essas mulheres entram na minha história, não apenas como participantes da pesquisa, mas como pessoas que terei maior

admiração e orgulho. Muito feliz e realizada por tudo que foi construído até aqui.
Fim!

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Editora Companhia das letras, 2014.
- AGUIAR, B. S; PEREIRA, M. R. O antifeminismo como backlash nos discursos do governo Bolsonaro. **Agenda Política**, v. 7, n. 3, p. 8-35, 2019.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro), 2019.
- ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento. 2018
- BARBOSA, P. Z; ROCHA-COUTINHO, M. L. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, p. 577-587, 2012.
- BONDÍÁ, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, v.19, p. 20-28, 2002.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- _____. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **DOU**, Brasília, DF, n. 112, 13 jun. 2013, Seção 1, p. 59-62.
- _____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde 2013**: Informações sobre domicílios, acesso e utilização dos serviços de saúde. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101748.pdf>
- _____. Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **DOU**: Seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016.
- CAMPOS, M. O que foi a raça negra? **A voz da Raça**, São Paulo, 1933, n. 25, p.1, 11 nov. 1933.
- CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, p. 117-133, 2003.
- CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CHASSOT, A. I. **Para que(m) é útil o ensino?** Canoas: Editora da ULBRA, 2004.
- CHINEN, N. **O papel do negro e o negro no papel**: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros. 2013. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2013.

CIABATI, L. M. de O. **Avaliação da situação da mulher na ciência e na saúde:** Uma abordagem interdisciplinar de saúde pública, gênero e computação. 2020. Tese (Doutorado em Medicina) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020.

COLLINS, P. H; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

CONCEIÇÃO, J. K. G. A máscara não pode ser esquecida. **Revista Poiésis**, v. 21, n. 35, p. 345-362, 2020.

COSTA, A. **Compreender o cinema**. São Paulo: Editora Globo, 2003.

COUTINHO, G. S; ARRUDA, D. O. A implementação das cotas raciais nos concursos públicos para o magistério federal: um olhar a partir do Colégio Pedro II. **Mana**, v. 28, p. 1-33, 2022.

DAMASCO, M. **Feminismo negro:** raça, identidade e saúde reprodutiva o Brasil (1975- 1996). 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2009.

DAVIS, A. **A liberdade é uma luta constante**. Boitempo Editorial, 2018.

DECOL, J. **O Feminismo Transformando a Ciência:** avanços da Epistemologia Feminista na análise da opressão de gênero na ciência, 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Ciência Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC, 2022.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FELLINI, F. **Fazer um Filme**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FERREIRA, B. M. S. **Tchau, Querida!:** O enquadramento noticioso na cobertura do impeachment da primeira mulher na presidência do Brasil. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2017.

FRANÇA, V. R. V. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M; GOMES, R. C; FIGUEIREDO, V. L. F. **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, p.13-26, 2004.

FRANCO, M. P. B. As categorias de análise. In: FRANCO, M. P. B. **Análise de conteúdo**. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GIORDAN, M; CUNHA, M. B. A imagem da ciência no cinema. **Química nova na escola**, v. 31, n. 1, 2009.

GOMES, L.L.B.; **MULHER, MÃE E UNIVERSITÁRIA:** desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica, 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2020.

HOOKS, B. Intelectuais negras. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

KÜCHEMANN, B. A; PFEILSTICKER, Z. V. S. Cuidado com os idosos e as idosas: um trabalho feminino e precário. **Seminário de Trabalho e Gênero–Protagonismo, Ativismo, Questões de Gênero Revisitadas**, v. 4, p. 1-14, 2012.

LIMA, B. S. Quando o amor amarra: reflexões sobre as relações afetivas e a carreira científica. **Revista Gênero**, v. 12, n. 1, p. 9-21, 2011.

LIMA, B. S. Quando o amor amarra: reflexões sobre as relações afetivas e a carreira científica. **Revista Gênero**, v. 12, n. 1, p. 9-21, 2013.

LINO, T. R; MAYORGA, C. As mulheres como sujeitos da ciência: uma análise da participação das mulheres na ciência moderna. **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, v. 7, n. 3, p. 96-107, 2016.

LOPES, M. M. Aventureiras nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas/SP, n. 10, p. 345-368. 1998.

MAFFIA, D. Crítica feminista à ciência. In: COSTA, Ana Alice A.; SARDENBERG, Cecília Maria B. (Orgs.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIM-FFCH/UFBA, p. 25-38, 2002.

MATOS, M. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global?. **Revista de sociologia e política**, v. 18, p. 67-92, 2010.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, p. 224, 2011.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MOREIRA, L. M.; MENEZES, C. G. P. ; SILVA, D. A. . **Aproximando gênero, ciências e teatro: Vozes pouco ouvidas..** In: Dalmo Varallo Lima de Oliveira; Glória Regina Pessoa Campelo Queiroz.. (Org.). **Conteúdos cordiais: química humanizada para uma escola sem mordança**. 1ed.São Paulo: Editora da Física, 2017, v. 1, p. 39-49.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

NAIDEKA, N. SANTOSA, Y. H; SOARES, P; HELLINGERA, R; HACKA, T; ORTH, E. S. Mulheres cientistas na Química brasileira. **Química Nova**, São Paulo, v. 43, n. 6, p. 823-836, 2020.

NASCIMENTO, B. A mulher negra no mercado de trabalho. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 259-263, 2019.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papirus Editora, 2005.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, v. 5, n. 1, p. 68-77, 2011.

OLIVEIRA, P. M. P. de et al. Uso do filme como estratégia de ensino-aprendizagem sobre pessoas com deficiência: percepção de alunos de enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 297-305, 2012.

PACHECO, A. C. L. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Coleção Temas Afro. Salvador: ÉDUFBA, p.382, 2013.

PEDRUZZI, A. das N., SCHMIDT, E. B., GALIAZZI, M. do C., PODEWILS, T. L. (2015). Análise Textual Discursiva: Os movimentos da metodologia de pesquisa. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 10, n. 2, p. 584-604, 2015.

PEREIRA, L. Uma química interrompida: Clara Immerwahr. **Cadernos de Gênero e Tecnologia** (CEFET/PR), v. 14, p. 391-409, 2021.

PINTO, G. Situação das mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise dos indicadores sociais. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambú. **Anais [...]**. Caxambú: ABEP, p.1-16, 2006.

POMBO, F. MZ; LAMBACH, M. As visões sobre ciência e cientistas dos estudantes de química da EJA e as relações com os processos de ensino e aprendizagem. **Química Nova na Escola**, v. 39, n. 3, p. 23237-244, 2017.

QUINTAS, G. Amas de leite e suas representações visuais: símbolos socioculturais e narrativos da vida privada do Nordeste patriarcal-escravocrata na imagem fotográfica. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 8, n. 22, p. 11-44, 2009.

RAMOS, F. P. Cinema verdade no Brasil. In: TEIXEIRA, F. E. (Org.). **Documentário no Brasil: tradição e transformação**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2004.

RIBEIRO, M. S. P. **O romper do silêncio: história e memória na trajetória escolar e profissional dos docentes afrodescendentes das Universidades Públicas do Estado de São Paulo**. 2001. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2001.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2017.

RODRIGUES, F. L. (2010). Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro. **CES revista**, v. 24, n. 1, p. 61-73, 2010.

RODRIGUES, S. C; SILVA, G. R. da. A liderança feminina no mercado de trabalho. **Revista digital de administração Faciplac**, v. 1, n. 4, p. 1-12, 2015.

ROSSITER, M. The Matthew Matilda Effect in Science. **Social Studies of Science**, London, v. 23, p. 325-341, 1993.

SANTANA, C. M. Feminismo e Ciência: possíveis avanços a partir de políticas feministas e de gênero na ciência. **Pós-Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, 2019.

SANTANA, C. Q. **Gênero, ciência e história**: reflexões para escrita de história de mulheres nas ciências. Dissertação (Mestrado em ensino, filosofia e história das ciências), UFBA, Salvador, 2021.

SANTOS, J. A; LOPES, M. D. Representação feminina na ciência: um olhar sob a perspectiva étnico-racial nos livros didáticos de física. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, v. 2, n. 2.0, 2019.

SARDENBERG, Cecília. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? Labrys. **Estudos Feministas (Online)**, v. 11, p. 45, 2007.

SATTLER, J. **Epistemologia Feminista**. Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://cpgd.paginas.ufsc.br/files/2019/05/Epistemologia-Feminista-texto-para-leiturapr%C3%A9via.pdf>. Acesso em: 17/02/2023.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência**. Bauru: Edusc, 2001.

SCHIEBINGER, L. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. **História, Ciências e Saúde – Manguinhos**, vol. 15, p. 269-28, 2008.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, F. F. da. **Mulheres na ciência**: vozes, tempos, lugares e trajetórias. Rio Grande-RS: Universidade Federal do Rio Grande, 2012. Orientadora: Paula Regina Costa Ribeiro. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado, FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, 2012.

SILVA, D. S. da. **GÊNERO, RAÇA E CLASSE: Discursos de Mulheres Negras Acadêmicas e Mulheres Negras Comunitárias**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2016.

SILVA, A. F. L; SILVA, G. M. B. Falando a voz dos nossos desejos: os sentidos da representatividade e do lugar de fala na ação política das mulheres negras. **Revista Eletrônica Interações Sociais**, v. 3, n. 1, p. 42-56, 2019

SOARES, K. S; BACZINSK, A. V. M. A meritocracia na educação escolar brasileira. **Temas & Matizes**, Cascavel, v. 12, n. 22, p. 36-50, jan./jun. 2018.

SOUZA, H. A. G. **Documentário, realidade e semiose: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.

SOUZA, O. L. P. de. **REPRESENTATIVIDADE IMPORTA? Representação, imagens de controle e uma proposta de representatividade a partir das personagens mulheres negras em Malhação: Viva a diferença.** 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG, 2021.

SKUMRA, C. N; MÜNCHEN, S; KAMANSKI, A. B. Mulheres na Ciência: uma análise em livros didáticos de ciências da natureza do ensino médio. **Jornada de Iniciação Científica e Tecnológica**, v. 1, n. 10, 2020.

SUASSUNA, L. Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 341-377, jan./jun. 2008.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da Pesquisa.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

VASCONCELOS, F. C. G. C; LEÃO, M.B. C. O vídeo como recurso didático para ensino de ciências: uma categorização inicial. In: IX JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 9., 2009, Recife. **Anais...** Recife: UFRPE, 2009.

VIANNA, C. P. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, S. C. (Org.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações.** Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180.

WESCHENFELDER, V, I; FABRIS, E. T. H. Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, p. 1-15, 2019.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, v. 15, p. 7-72, 2000.

WOOLF, V. **Um teto todo seu.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

ZANDONADE, V; FAGUNDES, M. C. de J. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social.** Assis-SP: Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis. Orientador: Oswaldo Miguel. Originalmente apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis/Fundação Educacional do Município de Assis, Assis, Bacharelado em Jornalismo, 2003.

APÊNDICE A**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

1. Nome _____
2. Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória até atingir sua posição acadêmica e profissional atual.
3. Na sua experiência, qual a maior virtude e qual a principal dificuldade como pesquisadora em química?
4. Quais as recompensas da pesquisa em sua vida?
5. Qual o maior desafio hoje?
6. Você conhece muitas pesquisadoras na sua área de atuação? Em sua opinião, qual a causa de ser esse quantitativo?
7. Houve algum momento em sua história que você percebeu que ser mulher seria uma questão para seu desenvolvimento profissional? Quando e como foi?
8. Por que você resolveu seguir essa carreira profissional?
9. O que você deseja para seu futuro profissional, para a continuidade de sua história?
10. Qual conselho você daria para uma discente que deseja fazer sua carreira acadêmica em Química?

ANEXO A**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****DOCUMENTÁRIO E ENSINO: ONDE ESTÃO AS MULHERES PESQUISADORAS EM QUÍMICA?**

Nome da Voluntária: _____

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa: Documentário e Ensino Onde estão as Mulheres Pesquisadoras em Química? sob a responsabilidade dos pesquisadores Hanna Pinheiro Mascarenhas, Leonardo Maciel Moreira e Mara A. Alves da Silva a qual pretendem analisar os efeitos afetivos e de representatividade que podem ser mobilizados a partir da criação/exibição de um documentário sobre Pesquisadoras em Química.

Sua participação é voluntária e se dará por meio da entrevista para a criação do documentário. No documentário estará presente seu nome e da instituição que faz parte, caso haja. Desse modo, os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são constrangimentos, desconfortos no momento da entrevista, de expor as suas ideias, se posicionar sobre o tema ou também vaziar alguma informação sigilosa. Gostaríamos de ressaltar ainda que dentro das nossas possibilidades como pesquisadores, iremos tratá-la com dignidade, respeitando a sua autonomia e liberdade de expressão, a fim de minimizar os efeitos indesejados que a pesquisa possa promover. Se assim o desejar, poderá não responder às questões e perguntas com as quais não se sinta a vontade. Os dados ficarão armazenados em local seguro, sob a responsabilidade da pesquisadora responsável. Se você aceitar participar estará contribuindo para o desenvolvimento de uma visão crítica em relação à temática “Mulheres na Ciência”, abrir discussões sobre as questões de gênero no meio científico; apresentar aos discentes as várias possibilidades no campo da Química (Ensino, pesquisa, administração e empreendedorismo) e gerar reconhecimento por parte dos acadêmicos da presença de mulheres pesquisadoras.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. O documentário será analisado, publicado e disponibilizado no site da instituição proponente. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável no endereço Rua Fazenda Rosário, 95, Centro Maragogipe - BA, pelo telefone (75) 3527-3429, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRJ – Macaé (CEP UFRJ-Macaé), através do e-mail: cepufrjmacae@gmail.com.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ ____/____/____

(Assinatura do voluntário)

dia mês ano

(Nome do voluntário – letra de forma)

_____ ____/____/____

(Assinatura do pesquisador)

dia mês ano

(Nome do pesquisador – letra de forma)

(Assinatura da Testemunha, se necessário)

Eu, abaixo assinado, expliquei completamente os detalhes relevantes deste estudo ao voluntário indicado acima e/ou pessoa autorizada para consentir por ele.

_____ ____/____/____

(Assinatura da pessoa que obteve o consentimento)

dia mês ano

ANEXO B**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

(Pesquisadoras)

Referência: DOCUMENTÁRIO E ENSINO: ONDE ESTÃO AS MULHERES PESQUISADORAS EM QUÍMICA?

Pesquisador Responsável: Hanna Pinheiro Mascarenhas

Eu _____, CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Hanna Pinheiro Mascarenhas, Leonardo Maciel Moreira e Mara A. Alves da Silva do projeto de pesquisa intitulado Documentário e Ensino: Onde estão as Mulheres Pesquisadoras em Química? A realizar a gravação do documentário e colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização desta filmagem e depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Macaé-RJ, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do Voluntário(a) ou responsável legal

Pesquisador Responsável:

Impressão Datiloscópica